



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

COTIDIANO, SOCIABILIDADE E O SIGNIFICADO DE MORAR EM UMA PONTE

MACAPÁ – AP

2011

BIANCA DO SOCORRO PEREIRA NUNES

GILMARA CASTRO DA SILVA NUNES

SCHEILIAN DE OLIVEIRA MORENO

COTIDIANO, SOCIABILIDADE E O SIGNIFICADO DE MORAR EM UMA PONTE

**Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado à Universidade Federal do
Amapá, como requisito para a obtenção da
graduação em Licenciatura Plena e
Bacharelado em Ciências Sociais, sob
orientação do Prof. Dr. José Maria da Silva.**

MACAPÁ – AP

2011

BIANCA DO SOCORRO PEREIRA NUNES

GILMARA CASTRO DA SILVA NUNES

SCHEILIAN DE OLIVEIRA MORENO

COTIDIANO, SOCIABILIDADE E O SIGNIFICADO DE MORAR EM UMA PONTE

**Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado à Universidade Federal do
Amapá, como pré-requisito para a obtenção
da graduação em Licenciatura Plena e
Bacharelado em Ciências Sociais, sob a
orientação do Prof. Dr. José Maria da Silva.**

Banca Examinadora

Profº. Dr. José Maria da Silva

UNIFAP - Orientador

Profº. Mc. Richard Douglas Coelho Leão

UNIFAP - Avaliador

Profº Raimundo de Lima Brito

UNIFAP - Avaliador

Aprovado em: ____/____/____ Nota: _____.

Macapá - AP, _____ de _____ de 2011

AGRADECIMENTOS

Nossos agradecimentos primeiramente a Deus que nos revigora todos os dias.

Aos nossos familiares que nos guiaram e apoiaram intensivamente nesta caminhada, ajudando nos momentos mais difíceis, tendo papel fundamental na conclusão desta graduação.

A todos os moradores da Ponte que se mostraram muito receptivos e atenciosos, nos ajudando a alcançar nossas metas, e colaborando para o desenvolvimento desta pesquisa.

Ao Prof. Dr. José Maria da Silva, por seu brilhantismo e paciência com que realizou sua orientação, nos guiando na melhor direção durante todo o processo desta pesquisa, especialmente pelo seu profissionalismo e sua dedicação à arte de ensinar.

A todos os professores que nos ajudaram a construir conhecimentos e que, assim contribuíram direta e indiretamente para elaboração deste trabalho.

Aos nossos amigos, porque acreditaram na realização deste sonho.

MORENO, S. O.; NUNES, B. S. P.; NUNES, G. C. S. **Cotidiano, sociabilidade e o significado de morar em uma ponte**. Trabalho de Conclusão de Curso – Curso de Ciências Sociais, Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2011.

RESUMO

Este trabalho propõe-se a discutir o significado de morar em uma ponte. Para tanto, analisou-se uma ponte no bairro Jesus de Nazaré em Macapá, na tentativa de compreender o fenômeno da ocupação em determinado local, que veio a acontecer a partir da década de 1970, período em que muitas áreas alagadas - as regionalmente chamadas áreas de ressaca - da cidade foram invadidas a fim de serem habitadas. Para melhor entendimento do objeto de estudo, apresenta-se um balanço teórico da antropologia urbana, desde a pioneira Escola de Chicago até uma discussão contemporânea. Uma descrição da Ponte também é importante para se entender melhor o significado de morar nela. Para tanto, a Ponte é perpassada por sistemas de significados, que justificam a vivência cotidiana entre os seus moradores. Por essa razão, o trabalho oferece uma análise sobre as relações sociais, formas de sociabilidade, solidariedade, organização, entre outros fatores que caracterizam tal espaço. Dessa maneira, são apresentados alguns discursos do meio social perante as áreas de ponte, em que prevalecem opiniões negativas sobre tais locais.

Palavras-chave: antropologia urbana, sociabilidade, moradia, ponte.

MORENO, S. O.; NUNES, B. S. P.; NUNES, G. C. S. **Cotidiano, sociabilidade e o significado de morar em uma ponte**. Trabalho de Conclusão de Curso – Curso de Ciências Sociais, Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2011.

SUMMARY

This paper proposes to discuss the meaning of living in a bridge. For this analysis - is a bridge in the district of Jesus of Nazareth in Macapa, in an attempt to understand the phenomenon of occupation in a certain place, which occurred from the 1970s, a period when many wetlands - areas of regionally called hangover - the city was invaded in order to be inhabited. For a better understanding of the subject matter, presents a theoretical balance of urban anthropology, from the Chicago School to pioneer a contemporary discussion. A description of the bridge is also important to understand what it means to live in it. To this end, the bridge is full of meanings that justify the daily life among its residents. For this reason, the work offers an analysis of social relations, forms of sociability, solidarity, organization, and other factors that characterize this space. Thus, discourses are some of the social areas before the bridge where negative opinions prevail on such sites.

Keywords: urban anthropology, social life, housing, bridge.

LISTA DE FIGURAS

Mapa 01 – Mapa de localização das áreas urbanas das ressacas do município de Macapá.....	24
Foto 01- Via de acesso à Ponte pela Avenida Pedro Américo.....	25
Foto 02 - Quintal de uma casa na época da ocupação da área.....	27
Foto 03 – Localização da Ponte – objeto de pesquisa – no bairro Jesus de Nazaré.....	29
Foto 04 – Distribuição espacial das casas e pontes.....	30
Foto 05 – Tipos de casas presentes na Ponte.....	32
Foto 06 – O bar da Ponte.....	33
Foto 07 - Lixeira na entrada da Ponte pela Rua Hamilton Silva.....	34
Foto 08 - Lixo acumulado no lago que passa sob a Ponte.....	35
Foto 09 - Morador empurrando sua moto para chegar ao asfalto.....	43
Foto 10 - Crianças brincando na Ponte.....	47
Foto 11 - Praça do bairro Jesus de Nazaré em reforma.....	48
Foto 12 - O Bar da Ponte.....	49
Foto13-Noticiário de doença, tendo como imagem base uma área de ponte habitada.....	55
Foto 14 – Casas da Ponte.....	60
Foto 15 - Casas do asfalto.....	61
Foto16-Confraternização dos moradores na festa junina organizada pela comunidade.....	63

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
CAPÍTULO 1 - ANTROPOLOGIA URBANA: A CIDADE COMO <i>LOCUS</i> DE PESQUISA	11
1.1 A Escola de Chicago e o surgimento da antropologia urbana.....	13
1.2 Antropologia urbana brasileira.....	14
1.3 Sociedade urbana, sociabilidade e cidadania em questão.....	18
CAPÍTULO 2 – A PONTE: HISTÓRICO E CARACTERÍSTICAS	23
2.1 Um breve histórico.....	25
2.2 A Ponte, as casas e o comércio.....	28
2.3 Água, energia, lixo e o lago.....	33
2.4 Descrição do entorno da Ponte.....	35
CAPÍTULO 3 – O SIGNIFICADO DE MORAR NA PONTE	37
3.1 A ocupação de uma área alagada.....	37
3.2 Situação socioeconômica.....	38
3.3 A relação familiar.....	41
3.4 O cotidiano e as relações sociais: a organização do espaço em uma área alagada.....	42
3.4.1 A Ponte e suas regras.....	42
3.4.2 Sociabilidade.....	45
3.4.3 A Ponte entre a memória do passado e o futuro.....	50
CAPÍTULO 4 – O OLHAR DA SOCIEDADE SOBRE A PONTE	54
4.1 A imagem sobre a Ponte.....	54
4.1.1 O discurso dos meios de comunicação.....	54
4.1.2 A visão dos moradores do entorno da Ponte.....	56
4.2 Jogo de identidades: morar na ponte x morar no “asfalto”.....	58
4.3 A ponte, o asfalto e o campo social da diferença.....	59
4.4 Sociabilidade com o entorno da Ponte e cidadania.....	62
CONSIDERAÇÕES FINAIS	66
REFERÊNCIAS	68

INTRODUÇÃO

Neste trabalho desenvolvemos um estudo antropológico sobre formas de sociabilidades e os sentidos de morar em uma área adversa, considerada “degradada”, aos olhos da maioria da população. Visto que se trata de um espaço de moradia em uma área alagada, ainda que no contexto urbano da cidade, onde as casas são erguidas em forma de palafita sobre um lago. As casas ligam-se umas as outras através de pequenas pontes, sendo que uma ponte maior, por sua vez, faz a ligação dessas à rua. Ou seja, a ponte é a extensão da rua e, nessa área, é a própria rua. Deste modo, nosso trabalho desenvolve uma etnografia e análise socioantropológica do cotidiano, da sociabilidade e dos significados de se viver em uma área de ponte.

A ponte que selecionamos como objeto de estudo situa-se em um dos bairros mais antigos da cidade, o Jesus de Nazaré. Este bairro localiza-se na parte oeste de Macapá, relativamente próximo ao centro da cidade. É considerado tradicional, pelo fato de ser um dos mais antigos da cidade. Tendo em vista o processo de urbanização e ocupação do bairro, podemos dividi-lo em duas subáreas, quais sejam: uma parte de cima e uma parte de baixo, conforme o relevo de sua estrutura geofísica. Na parte de cima, vivem pessoas de classe média, sendo as ruas asfaltadas e as casas bem estruturadas. Já na parte baixa, popularmente conhecida como “baixada”, habita a população com um menor poder aquisitivo. Nesse espaço estão presentes áreas inundadas, denominadas em nível local de áreas de “ressaca”, nas quais os moradores vivem casas de madeira construídas sobre a água.

Existem vários desses locais na área urbana da cidade de Macapá, os quais nas últimas décadas foram sendo ocupados, em razão de movimentos migratórios e da falta de espaços urbanos disponíveis para habitação. Essas áreas foram ocupadas a partir da pressão de famílias por moradias, em movimento de ocupação de espaços inabitados denominado pelos órgãos públicos de invasão. Segundo dados do Ministério Público do Amapá, divulgados no Portal Núcleo Mata Atlântica em setembro de 2010, cerca de 100 mil pessoas moram em “áreas de ressaca” na cidade, sob precárias condições de moradia.

O estudo que empreenderemos desenvolveu-se em um espaço de habitação ao longo de uma ponte, a qual possui entrada e saída para duas ruas do bairro Jesus de Nazaré – as ruas Hamilton Silva e Pedro Américo. A primeira é uma das principais ruas de Macapá, nela há um intenso fluxo de carros, uma vez que dá acesso a alguns órgãos governamentais, ao bairro

central e à zona sul da cidade. Por sua vez, a Avenida Pedro Américo é uma via que serve de referência para quem vai à zona norte.

Na área de nossa pesquisa nos deparamos com algumas circunstâncias, pois a *priori* tínhamos a ponte apenas como uma estrutura física de madeira, e no decorrer da pesquisa pudemos entender que ela é bem mais que isso. Nela percebemos um contexto repleto de particularidades: as regras de convivência; uma vasta teia de sociabilidade exercida entre vizinhos; as relações de parentesco – já que é habitual a presença de moradores que se instalaram primeiro e provocando a vinda de outros familiares –; a relação de adaptação dos moradores ao meio ambiente – constituído de um lago –, entre outras características.

Percebemos ainda, no decorrer da pesquisa, que esses elementos constituem a organização do lugar em questão. Ao contrário do discurso oficial que prega a desorganização e a violência nesses locais, encontramos certa “ordenação” ou “organização” específica à ponte. O fato de ter conquistado sua casa própria e ter um lugar para abrigar suas famílias se tornou um motivo de orgulho para os moradores.

Portanto, para uma melhor compreensão do trabalho, classificamos a ponte sob dois aspectos: as pontes em geral e a ponte objeto de estudo. Sendo que quando nos reportarmos à ponte para inferir sobre sua forma física, bem como a outras passarelas, escreveremos o termo com “p” minúsculo. Em contrapartida, quando nos referirmos à ponte – nosso objeto de pesquisa – como instituição, uma vez que é um referencial para o estabelecimento da sociabilidade, das relações de amizade, de vizinha, de troca, enfim, sendo *locus* onde relações sociais se desenvolvem, preferimos registrar a palavra com “P” maiúsculo.

Para a realização deste trabalho, tivemos como embasamento teórico referências sobre as seguintes temáticas: moradia em áreas periféricas, áreas de ressaca, formas de sociabilidade, lazer, relações de vizinhança, identidade, alteridade, cidadania, entre outros. O método etnográfico foi muito importante na elaboração do mesmo, pois nos possibilitou descrever e conhecer detalhadamente a vida das pessoas que habitam a Ponte. Grande parte das informações colhidas foi adquirida por meio de conversas e entrevistas com cerca de 70 indivíduos ao todo, sendo 22 moradores ao redor da Ponte e 48 moradores desta, em que visitamos 42 domicílios, o que representa mais da metade do número de residências existentes na Ponte.

Objetivando um maior entendimento, o trabalho se estrutura em quatro capítulos. Na primeira parte, faremos uma abordagem acerca do surgimento, e posteriormente, o desenvolvimento da antropologia urbana. Tendo como ponto de partida a Escola de Chicago,

pois foi a pioneira a tomar a cidade como laboratório social por meio do método etnográfico. Além disso, enfocaremos algumas questões sobre a antropologia urbana no Brasil dos anos 70 para 80, momento em que efetivamente as produções ganharam fôlego, e em seguida, os estudos contemporâneos, as categorias teóricas que dão sustentação ao trabalho – sociedade urbana, sociabilidade e cidadania – também são debatidas.

No segundo capítulo, além de utilizarmos um pouco da história da cidade de Macapá, e da própria Ponte de acordo com relatos dos moradores mais antigos, apresentaremos a descrição da Ponte e seu entorno. As características físicas da mesma, como se deu o processo de ocupação dessa área, a significativa presença de migrantes, em especial do Pará, os laços de parentesco, o comércio, a água, a energia, o lixo e o lago. Assim, analisaremos as minúcias do que é viver em uma área de ponte, bem como o espaçamento e a distribuição de casas, a organização das moradias e a infraestrutura interna.

O significado de morar na Ponte será o tema central do terceiro capítulo, no qual abordaremos sobre o que representa para os moradores viver em uma área de ponte. Tal como, a situação socioeconômica, as relações familiares, os problemas enfrentados no cotidiano, as regras de convivência para a manutenção da ordem local, as relações de sociabilidade, elementos esses que resultam em uma organização peculiar a área.

Para finalizar o trabalho, no quarto capítulo enfocaremos qual a imagem que a sociedade macapaense possui da Ponte e seus moradores. Para isso, utilizamos informações de jornais locais, que reproduzem uma opinião negativa disseminada no meio social. Ademais, entrevistamos alguns indivíduos que moram no entorno da Ponte, especificamente das ruas Professor Tostes, Marcílio Dias e Pedro Américo, para compreendermos como concebem a Ponte e se relacionam com ela. Além disso, enfocaremos as categorias sociológicas *ponte* e *asfalto* que representam elementos de diferenciação de classe e, por conseguinte, como fontes de investimentos práticos e simbólicos de cidadania.

CAPÍTULO 1 - ANTROPOLOGIA URBANA: A CIDADE COMO *LOCUS* DE PESQUISA

Neste capítulo, para uma melhor compreensão da temática estudada, isto é, “o viver na Ponte”, faremos uma abordagem acerca do surgimento e, posteriormente, o desenvolvimento da antropologia urbana, tomando como ponto de partida a Escola de Chicago, pois foi a pioneira no desenvolvimento de pesquisas de cunho etnográfico no meio urbano.

Em seguida, abordaremos os estudos de antropologia urbana no Brasil, realizados com notoriedade a partir das décadas de 70 e 80 do século XX, com a perspectiva de compreender como as pesquisas nessa área da antropologia analisaram os modos de vida, estratégias de sobrevivência, redes de parentesco e vizinhança, bem como formas de sociabilidade no meio urbano. Além disso, procuraremos evidenciar as categorias teóricas fundamentais para embasamento deste trabalho, tais como sociedade urbana, sociabilidade e cidadania.

Para iniciarmos a essa análise, é de suma importância contextualizar a cidade enquanto objeto de estudo, tanto pela geografia e o urbanismo, que a apreendem enquanto espaço geográfico, como pela sociologia e a antropologia que, por sua vez, abordam a *urbe* a partir da dimensão humana, ou seja, como um *locus* onde as relações sociais acontecem. Deste modo, analisaremos primeiramente as etapas de abordagem sobre o desenvolvimento da cidade, desde a antiguidade até a contemporaneidade.

De acordo com registros arqueológicos, Castells (1983, p.19) mostra que os primeiros aglomerados sedentários com intensa densidade populacional, surgiram no fim do período neolítico, na Mesopotâmia, Egito, China e Índia. Nesse momento a cidade servia de local para moradia, pois com a produção excessiva dos agricultores, tornava-se indispensável habitar no local de trabalho. Entretanto, a cidade não estava separada do contexto rural, pois todo investimento feito nela, no que diz respeito à sua estrutura administrativa, política e religiosa, é produto do excedente gerado pela terra.

Posteriormente, as cidades imperiais dos primeiros tempos da história, especialmente Roma, acumularam funções mercantis e administrativas em um vasto território conquistado através da dominação de vários povos, tendo a primazia social do aparelho políticoadministrativo. Logo, a cidade não era um lugar de produção, mas de gestão e domínio (CASTELLS, 1983, p. 20).

Apesar do desenvolvimento dessas *urbes*, foi a da Idade Média, mais precisamente a européia, que se aproximou de um tipo ideal de cidade. Este que por sua vez, foi constituído por Weber, pois afirma que a cidade é um fenômeno específico do Ocidente, devendo ser

entendida como um estabelecimento, ou seja, um local de mercado de tamanho significativo em torno da qual a vida de seus habitantes gira, e não somente como abastecedora do príncipe e sua corte (DOMINGUES, 2000, p.210).

Com o declínio do sistema feudal, e a conseqüente quebra dos laços que ligavam os servos aos senhores, acarretaram nas migrações em massa para as cidades e nesse contexto Weber diz que as diferenças de *status* desapareciam na *urbe*, pois os indivíduos passaram ser iguais e livres. A cidade passou a configurar-se como lugar da liberdade e da autonomia, pois escapara da dominação tradicional exercida pela sociedade feudal e adquiriu autonomia perante os estamentos dominantes de tal sociedade. Assim, ela fugira de todos os tipos de dominação desenvolvidos por Weber – tradicional, carismático e racional-legal –, tornando-se não legítima (WEBER, 1999, p.187-580).

Na contemporaneidade, verificam-se os estudos na perspectiva geográfica sobre a espacialidade do urbano e o fenômeno emblemático da modernidade: as metrópoles (ver HAESBAERT, 2002). Em tal disciplina é levado em consideração as formas espaciais, a organização do espaço, o sistema de cidades, que de acordo com Santos (2005, p. 68) constitui o arcabouço econômico, político, institucional e sociocultural de um país. Assim, produzindo bens e serviços junto com uma rede de infraestrutura, isto é, a cidade enquanto espaço produtivo, prestadora de serviços.

Já no campo da sociologia, os estudos voltados para o urbano têm-se a Escola de Chicago sendo a primeira a tomar a cidade como objeto de pesquisa utilizando o método etnográfico, e posteriormente a antropologia por meio da sociologia. Portanto, as ciências sociais preocupam-se em analisar as relações ou fenômenos sociais que se estabelecem no espaço urbano, visto que a cidade é o contexto em que as relações acontecem.

Enfim, a cidade enquanto objeto de estudo requer o sentimento de estranhamento – um fundamento da pesquisa antropológica –, uma vez que o pesquisador está inserido na cidade e próximo de certos fenômenos com os quais possui algum tipo de familiaridade. Nesse sentido, o objeto de pesquisa deve ser encarado como algo *exótico*, pois só assim definimos o afastamento necessário para analisá-lo com clareza e objetividade, como o propõe Gilberto Velho. Sobre este aspecto, diz o autor:

[...] dentro de nossa sociedade existe, constantemente, esta experiência de estranhamento. Vivemos experiências restritas e particulares que tangenciam, podem eventualmente se cruzar e constantemente correm paralelas a outras tão plenas de significados quanto as nossas. A possibilidade de partilharmos patrimônios culturais com os membros de nossa sociedade não nos deve iludir a respeito das inúmeras discontinuidades e diferenças provindas de trajetórias,

experiências e vivências específicas. [...] há distâncias culturais nítidas internas ao meio urbano em que vivemos permitindo ao 'nativo' fazer pesquisas antropológicas com grupos diferentes do seu, embora possam estar basicamente próximos (VELHO, 1980, p. 16).

Nesse sentido, transformar aquilo que a princípio é familiar em exótico, isto é percebê-lo como diferente e estranho, torna-se condição indispensável para realização da pesquisa antropológica no meio urbano. No que concerne à postura do pesquisador, em sua relação com objeto de estudo, Cláudia Fonseca afirma o seguinte:

É preciso que tomemos certa distância em relação a esse outro, para nos comunicarmos com ele. Sem reconhecer e admitir a diferença, não há diálogo. Ao mesmo tempo, deve-se evitar a projeção desse outro para fora de nossa esfera, se ficar muito distanciado, a comunicação torna-se impossível.(FONSECA, 2000, p. 211).

Portanto, o pesquisador deve manter uma posição, em que não se aproxime demasiadamente de seu objeto de pesquisa, para não se deixar influenciar pelo mesmo, podendo, assim, atribuir julgamentos e valores próprios ao trabalho científico. Por outro lado, não é recomendado que o estudioso se distancie muito do "outro", e o trate de maneira extremamente diferenciada, é preciso que haja uma relação de confiança para que se estabeleça um vínculo entre o objeto e o antropólogo.

1.1 – A Escola de Chicago e o surgimento da antropologia urbana

A antropologia urbana desenvolveu-se a partir da complexidade, dimensão e heterogeneidade dos grandes centros urbanos, configurados por meio da Revolução Industrial. O que ocasionou uma drástica mudança social, por conta de intensas ondas migratórias para as cidades e profundas transformações na estrutura e na divisão social do trabalho. Por isso, a cidade se tornou um dos principais campos de instigantes desafios na busca de compreender e conhecer a sociedade moderna, tendo a Escola de Chicago como ponto de partida.

De acordo com Velho (2009, p.02) essa escola foi a primeira a desenvolver pesquisas com populações urbanas, a princípio conduzidas por sociólogos, empreendendo análise de fenômenos empíricos no meio urbano. Eram interessados e leitores da literatura sobre sociedades tribais e tradicionais e que, posteriormente, buscaram identificar e entender as diferenças socioculturais dentro das grandes cidades em rápido crescimento.

A Escola de Chicago desenvolveu a noção de cultura urbana, em que acreditava que a cidade era uma “variável independente”, por influenciar no modo de vida e nas relações sociais dos indivíduos, quando na verdade, de acordo com Oliven (1980, p. 29), a cidade é apenas o lugar onde os fenômenos urbanos acontecem.

Essa noção de cultura urbana pode ser creditada a três autores: Robert Park, que concebeu a cidade como um campo de investigações da vida social; Louis Wirth com o conceito de urbanismo enquanto modo de vida; e Robert Redfield com os estudos de comunidades. Ambos influenciados por clássicos da sociologia da passagem do século XIX para o XX, voltados para a compreensão da sociedade moderna. Assim, segundo Cuin & Gresle, a Escola de Chicago foi a primeira a formular uma concepção “especializada” do social e reciprocamente, socializada do espaço (FRÚGOLI 2007, p. 17).

Além disso, as pesquisas dessa escola foram financiadas por poderosas instituições filantrópicas que queriam respaldo científico para a implementação de políticas públicas, que pudessem intervir nos chamados “problemas urbanos”. A partir desse quadro, a referida escola levou à frente uma prática pioneira de pesquisas etnográficas, em campos como o da marginalidade, segregação étnica, criminalidade, prostituição, delinquência, entre outros. Vários desses estudos apontaram haver uma “organização” ou “ordenação” peculiar aos locais pesquisados, o que ajudou aos poucos a evidenciar uma adversidade constitutiva do contexto urbano. (COULON, 1995; FRÚGOLI, 2007).

Os interesses e trabalhos dessa Escola, eram muito diversificados, já que o quadro de teóricos que compunham a mesma, era constituído por variados profissionais de tipos e graus diferentes. Eles tinham ligação com diversas áreas do conhecimento, tais como: o interacionismo, o pragmatismo, a fenomenologia, a ecologia e o marxismo. O desenvolvimento da antropologia urbana tem como um dos focos principais o estudo de bairros, áreas da cidade, localidades, ruas, espaços em geral, em que formas de relacionamentos, organização e sociabilidades peculiares são praticadas.

1.2 - Antropologia urbana brasileira

Ainda que os estudos da Escola de Chicago tenham conquistado grande notoriedade, sofreram severas críticas em várias partes do mundo, em especial na América Latina. De acordo com Oliven (1980, p. 26), a perspectiva culturalista foi amplamente rejeitada, tendo em vista que a teoria da modernização, não se adequava para explicar o subdesenvolvimento

do continente, de forma que os estudos das questões culturais foram abandonados como campo legítimo de estudo no Brasil. Dessa maneira, diz ele que por longos anos qualquer pesquisador que se voltasse para o estudo da cultura era considerado conservador.

Tal situação derivou em um intenso historicismo e economicismo nas ciências sociais brasileiras, no qual a cultura era desprezada, já que na abordagem marxista a superestrutura pode ser deduzida a partir da infraestrutura. Nesse cenário, alguns intelectuais brasileiros, por formação, dedicavam-se ao estudo das culturas indígenas. Entretanto, com o passar do tempo vieram a se interessar pelas características culturais das sociedades urbanas, aplicando metodologias e preocupações antropológicas ao que estavam observando. Deste modo, “começaram a perceber que formas de organização econômica, social e política e sistemas de representação se constituíam em um campo importante para a compreensão da dinâmica do que ocorre nas regiões urbanoindustriais no Brasil” (OLIVEN, 1980, p. 27).

Ainda, segundo o autor, predominavam os estudos sobre desenvolvimento, Estado e conflitos de classes, em detrimento da questão cultural. Esta se tratava de um campo de investigação social extremamente rico, mas quase inexplorado. Havia, pois, escasso lugar para a problemática da vida cotidiana das diferentes classes sociais, que passavam despercebidas pelas interpretações macrossociais.

Assim, alguns estudos foram pouco a pouco surgindo, especialmente a partir dos anos 70 com a efervescência de movimentos sociais urbanos em toda América Latina (FRÚGOLI, 2005; MAGNANI, 2009). Este fato propiciou um interesse cada vez maior em reflexões sobre os fenômenos urbanos por antropólogos, fazendo surgir várias produções sobre as camadas populares em bairros periféricos, nas quais se analisavam aspectos culturais próprios desses locais.

Os principais trabalhos publicados, como resultado dessa preocupação da antropologia em estudar a vida social no meio urbano, foram estes: Renato Ortiz em *A morte branca do feiticeiro negro* (1978); Gilberto Velho, *A utopia urbana* (1973); Eunice Durham, *A caminho da cidade* (1973); *A sociedade vista da periferia* (1986); Cláudia Menezes, *A mudança* (1976); Macedo, *A reprodução da desigualdade* (1979); Magnani, *Festa no Pedço: cultura popular e lazer na cidade* (1984); Caldeira, *A política dos outros: o cotidiano dos moradores da periferia e o que pensam do poder e dos poderosos* (1984); Duarte, *Da vida nervosa nas classes trabalhadoras urbanas* (1986); Zaluar, *A máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza* (1985); entre outros.

Esses estudos estão voltados para análises sobre fenômenos sociais, tais como as religiões populares em cidades industriais, o carnaval, o futebol, a cultura da classe média, a ideologia de migrantes rurais, as relações sociais em favelas, parentesco e vizinhança, as formas de sociabilidades, as representações políticas, a música, etc. Sempre com enfoque no cotidiano e nas representações simbólicas, o que não era considerado nas análises “macroestruturais”.

Assim, essas pesquisas fizeram com que a antropologia urbana conquistasse, paulatinamente, destaque na interpretação de fenômenos que acontecem nos segmentos mais complexos da sociedade brasileira. Entretanto, ao fazer uma análise das produções em massa da antropologia urbana das décadas de 70 e 80, Eunice Durham (1986, p. 18) evidencia a necessidade de se adaptar a abordagem antropológica, diante da nova situação em que os temas da antropologia adquiriram relevância política. Se antes os temas estudados eram “marginais”, com relação aos estudados da sociologia ou da ciência política, passaram a adquirir relevância política, concedendo certo destaque para a antropologia.

Diante de tal fato, foi lançando um novo desafio à antropologia urbana, pois para a autora, além de etnografias de inspiração funcionalista, era preciso adotar interpretações que buscassem se aproximar de conceitos de cunho marxista, a fim de obter uma análise mais completa dos novos acontecimentos sociais e políticos, os quais vinham ocorrendo nas cidades por meio de reivindicações em movimentos sociais. Em relação a isso, a referida antropóloga, explica que, diferentemente da sociologia que criticou o funcionalismo positivista e posteriormente aderiu ao marxismo, o julgamento à perspectiva funcionalista, por parte da antropologia, não significou um novo método de investigação.

Com efeito, a antropologia urbana brasileira seguiu dois caminhos. O primeiro, sob influência americana da Escola de Chicago, em que Anthony e Elisabeth Leeds ligados ao interacionismo simbólico, influenciaram as pesquisas de Gilberto Velho e seus alunos no Museu Nacional. O outro caminho foi seguido na direção britânica, de acordo com Magnani (2009, p. 02), por Ruth Cardoso e Eunice Durham (orientadoras de diversos estudos antropológicos na área urbana) que incorporaram o trabalho realizado por Richard Hoggart no Centro Contemporâneo de Estudos Culturais da Universidade de Birmingham.

Doravante os trabalhos mudaram um pouco, até porque os estudos de periferias sempre tiveram características diferenciadas de acordo com cada localidade. Além de mudanças ocorridas nas grandes metrópoles, como o acentuado desemprego aliado à diminuição do ritmo migratório, o aumento da violência, a crise dos movimentos sociais,

entre outros, fatores contribuíram conseqüentemente para uma adaptação de novos estudos ao contexto urbano atual. Magnani (2009, p.11) enfatiza que lazer, religiosidade, práticas culturais juvenis, apropriações do espaço urbano, entre outras temáticas, formam novos objetos de estudo no contexto da cidade contemporânea.

Assim, diferentes estudos voltados para a periferia começaram a surgir por meio de uma heterogeneidade da mesma, como pesquisas sobre grupos *rappers*, os quais vêm redimensionando tanto suas identidades étnicas quanto as representações sobre o próprio contexto onde vivem. Novos atores sociais como as ONGs, também entraram em cena nas pesquisas. Além de estudos sobre “tribos urbanas”, pichadores e grafiteiros, *punks*, bandas *gospel*, baladas *black*, rodas de samba, forró universitário, classes médias, etc.

Entretanto, de acordo com autor (MAGNANI 2009, p. 03-04), o que não mudou foi o olhar etnográfico, que apesar de ser um método utilizado desde a antropologia de Malinowski, continua sendo a forma mais apropriada para análises antropológicas. A diferença, é que se trata agora de desenvolvimento de pesquisas no contexto urbano, contemporâneo e de metrópoles. O autor salienta que para muitos a etnografia é vista como uma busca por minúcias. Para outros, ela possibilita a análise detalhada de fenômenos sociais; outros, a veem como uma espécie de defensora e porta voz dos nativos, com “autenticidade” não contaminada por visões externas; ou ainda, como uma técnica do método qualitativo. Entretanto, baseado nas observações de diversos autores e antropólogos, conclui,

A etnografia é uma forma especial de operar, em que o pesquisador entra em contato com o universo dos pesquisados e compartilha seu horizonte, não para permanecer lá ou mesmo para atestar a lógica de sua visão de mundo, mas para segui-los até onde seja possível e, numa relação de troca, comparar suas próprias teorias com as deles e assim tentar sair com um modelo novo de entendimento ou, ao menos, com uma pista nova, não prevista anteriormente. (MAGNANI, 2009, p 05).

Para o antropólogo americano Clifford Geertz, a etnografia se viabiliza através do que ele denominou de “descrição densa” (GEERTZ, 1989); ela é microscópica e tem como característica interpretar o discurso social, fixando-o em formas pesquisáveis e evitando, assim, a possibilidade de sua extinção. Em suas palavras:

O etnógrafo ‘inscreve’ o discurso social: ele o anota. Ao fazê-lo ele o transforma de acontecimento passado, que existe apenas em seu próprio momento de ocorrência, em um relato, que existe em sua inscrição e que pode ser consultado novamente. (GEERTZ, 1989, p. 29).

Diante disso, identificamos a importância da etnografia em pesquisas antropológicas, bem como sua contribuição no registro da fala dos homens, deixando-a a disposição de todos, além de obter papel fundamental na interpretação das culturas e analisando de maneira complexa pequenos fatos. Com a etnografia é possível perpetuar no tempo um acontecimento da forma que ocorreu quando foi registrado, mesmo que ele desapareça ou se altere. É necessário frisar que a escrita etnográfica capta não o acontecimento como acontecimento, mas apreende o significado, a forma e dinâmica da ação social e do discurso.

1.3 - Sociedade urbana, sociabilidade e cidadania em questão

Para melhor compreensão do trabalho faz-se necessário discutir alguns conceitos relevantes que o alicerça e sustenta como um todo, pois as categorias, sociedade urbana, sociabilidade e cidadania estão correlacionadas e são evidenciadas nas relações sociais no cenário da *urbe* moderna.

O fenômeno da urbanização é um fator que para alguns autores influenciaria no modo de viver nas cidades, no qual se desenvolveria um ritmo de vida pautado na desordem, na falta de contatos mais profundos, ou ainda a disseminação da secularização e o excessivo individualismo.

Castells, em *A Questão Urbana* (1983), faz uma análise sociológica sobre o fenômeno da urbanização no sistema capitalista e suas implicações nas esferas políticas, econômicas e ideológicas, sob o prisma da teoria marxista, procurando delimitar o que são os problemas urbanos. Assim, a urbanização para ele define-se como concentração de uma população e de uma densidade relativamente alta, dentro de uma dimensão espacial. Possuindo assim, um sistema de valores, atitudes e comportamentos denominados de “cultura urbana”, que por sua vez, é um fenômeno característico da sociedade industrial capitalista. No sentido antropológico, sociedade urbana quer dizer certo sistema de valores, normas e relações sociais possuindo uma especificidade histórica e uma lógica própria de organização e de transformação (CASTELLS, 1983, p. 16).

O autor aborda ainda sobre análises de diversos teóricos que tratam sobre essa questão. Entre eles, Simmel, que assinala a existência de um tipo ideal de civilização urbana, a qual gera nos indivíduos uma crise de personalidade por conta do excesso de estimulação psíquica incomensurável das grandes cidades. As consequências do processo de urbanização na organização social são: a formação de uma economia de mercado, o desenvolvimento de

grandes organizações burocráticas (sobretudo produtivas), a racionalização e a despersonalização – exigidas pela complexidade urbana.

Outro autor que Castells (1983, p.102) que se dedicou ao estudo da sociedade urbana é Wirth. Ele explica que a urbanização se constitui a partir da concentração humana em gigantescos aglomerados em que a civilização se manifesta. Diante da importância do fenômeno, o referido autor estabeleceu um conceito sociológico que se baseia em localização permanente, relativamente grande e densa, de indivíduos socialmente heterogêneos, na qual se destacam três características essenciais: a dimensão, a densidade e a heterogeneidade (ver OLIVEN, 1980).

Com relação à dimensão, Wirth explica que quanto maior a dimensão espacial, maior o individualismo e a diferenciação social. No entanto, para ele, caracterizar uma “comunidade urbana” apenas pelo tamanho é algo arbitrário e limitado (WIRTH, 1976, p. 92). É certo que a densidade demográfica intensifica o processo de diferenciação entre os sujeitos, tornando os relacionamentos superficiais e transitórios. Porém, além disso, a heterogeneidade está voltada para a diversidade entre as classes sociais, tendo em vista a ascensão e a mobilidade social, em que a afiliação a um grupo não se dá de maneira estável, e a transição de um grupo para o outro ocorre por meio de uma posição individual. Assim, para Wirth a cultura urbana se propõe como modo de vida, que surge a partir do estabelecimento da cidade.

Redfield retoma a dicotomia entre rural/urbano e propõe a teoria do *Folkurban Continuum*, na qual mostra que as sociedades rurais evoluíram para as sociedades modernas. Nas primeiras predomina o tradicional, a excessiva religiosidade, a solidariedade grupal, as redes de parentesco, e que paulatinamente o processo de urbanização desagregaria os elos que uniam os homens em uma sociedade rural, e evoluiria para uma sociedade urbana em que prevaleceria o individualismo, a secularização e a desorganização cultural (CASTELLS, 1983, p.104).

Apesar do surgimento da sociedade urbana ter sido concebido em oposição à sociedade rural, não podemos identificá-la apenas e simplesmente como o oposto da segunda. Isto porque, podemos encontrar aspectos característicos da “cultura urbana” no meio social de sociedades camponesas, o que necessariamente não conduz ao desaparecimento de peculiaridades rurais.

Oliven (1980, p.30) reforça as limitações dos enfoques culturalista abordados por Wirth e Redfield, baseados na oposição entre o *moderno* e o *tradicional*, pois para esses autores a cidade torna-se sua variável explicativa, adquirindo um conteúdo cultural e social

específico. Quando na realidade, de acordo com Oliven, esses fenômenos sociais são ocasionados pelo desenvolvimento da industrialização capitalista que sempre acontecem em grandes cidades.

Passando para uma análise mais contemporânea sobre o urbano, David Harvey (2006, p. 170) observa que o processo de crescimento da cidade é contínuo, e, portanto, a urbanização deveria ser considerada um processo social especialmente fundamentado, no qual um amplo leque de atores, com objetivos diversos, interage por meio de uma configuração específica de práticas espaciais entrelaçadas. Ou seja, os indivíduos são de classes sociais, profissões, idades, lugares e compromissos diferentes, mas podem frequentar os mesmos lugares e de alguma forma se relacionam, possuindo assim, o uso do mesmo espaço urbano como algo em comum.

Em *O Direito à Cidade*, Lefebvre (2001), faz uma abordagem filosófica da urbanização, tendo-a como projeção da sociedade sobre um espaço, em que a cidade desdobra-se em um emaranhado de percepções, subjetividades, significados, usos e valores, projetando-se no plano das representações abstratas. Assim a *urbe* pode ser analisada do ponto de vista de Lefebvre, como um local em que se traduz um conjunto de diferenças, isto é, locais onde variados padrões, formas de viver a vida urbana, coexistem.

A grande expansão da urbanização faz ocorrer uma disputa pelo espaço, bem como, do trabalho, do lazer e da moradia, etc. Esta que por sua vez, se dá por diversas formas, em diferentes espaços da cidade, dependendo dos objetivos e possibilidades de cada sujeito. Na sociedade urbana capitalista moderna a divisão de classes se reflete também na maneira de morar, estabelecendo a fragmentação do espaço, atribuindo funções específicas a cada parte da cidade, ou seja, há lugares destinados ao comércio, ao lazer, a moradia – que ocupam áreas distintas de acordo com o poder aquisitivo dos indivíduos.

É fato que há lugares frequentados ou habitados por vários segmentos da sociedade, entretanto existem certos espaços que são demarcados, tornando-se ponto de referência para distinguir determinado grupo de frequentadores como pertencentes a uma rede de relações. Este espaço onde se desenvolvem essas relações, Magnani (1998, p.116) chamou de “pedaço” – categoria sociológica utilizada por ele para designar aquele espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica.

Nesse contexto, devido à fragmentação característica da cidade moderna, que provoca o uso de diversos lugares por diferentes grupos sociais, a sociabilidade se desenvolve de maneiras distintas. Na periferia, de acordo com Durham, adquire um conteúdo peculiar, no

qual a figura do bairro desempenha papel fundamental nas formas de sociabilidade, ela discorre,

A uniformidade e a segregação relativas parecem favorecer o desenvolvimento de uma sociabilidade local que distingue essa população das camadas mais abastadas. Para estas, as distâncias são eliminadas pelo automóvel e pelo telefone e a sociabilidade se exerce entre parentes e amigos dispersos pela cidade. A casa ou o apartamento, isolados e auto-suficientes, limitam um espaço social que não é complementado pela vizinhança. Na periferia, ao contrário, a vizinhança e o bairro constituem locais privilegiados para a formação de redes de sociabilidade (DURHAM, 1986, p. 03).

Dessa forma, podemos observar que vários mundos se encontram na cidade (ver VELHO, 1994), onde a sociabilidade se constrói de maneiras diferentes, em que grupos sociais podem se encontrar, viverem no mesmo espaço, mas sem nunca se tocarem ou conhecerem. Tal fato pode acontecer não somente dentro da dimensão extensiva da cidade, como também em um mesmo bairro ou até em uma mesma rua. Esta questão ficará mais nítida em nosso estudo, quando nos reportarmos à sociabilidade entre o universo da Ponte e o seu entorno, em que vários mundos diferentes estão tão próximos fisicamente, entretanto socialmente separados. Neste sentido, mesmo servindo de “mosaico de vários mundos”, a cidade moderna possibilita entre os diversos grupos sociais uma relação ambígua entre proximidade e distância.

Além disso, outra questão pertinente para se compreender a complexidade das relações sociais que se estabelecem na cidade capitalista é a cidadania. Que surge no contexto da modernidade marcando a ascensão da burguesia enquanto grupo livre e autônomo perante os estamentos que compunham a sociedade feudal, portanto a adquirindo *status* de cidadania civil.

Esta que por sua vez, é um fator primordial no que tange a construção de uma sociedade democrática fundamentada na igualdade dos indivíduos. Darcísio Corrêa (2000, p. 221), ao abordar essa questão coloca que ela tem como objetivo oportunizar o acesso igualitário ao espaço público como condição de existência e sobrevivência digna dos homens enquanto integrantes de uma comunidade política. Do exposto conclui que cada cidadão é sujeito político, os oprimidos e excluídos são agentes capazes de reconstruir uma sociedade mais justa, desde que articulados e conscientes.

Para Eliza Reis (1999, p.17) a cidadania deve ser vista como um ideal emancipacionista, e que varia de acordo com os interesses ou desejos de reivindicações de cada grupo ou classe social. Neste sentido, a aplicação do conceito para a autora é variável,

mas do ponto de vista prático e político, a noção de cidadania é de grande relevância para uma sociedade mais igualitária.

CAPÍTULO 2 - A PONTE: HISTÓRICO E CARACTERÍSTICAS.

Macapá é uma cidade plana, do ponto de vista geofísico. Situada à frente do Rio Amazonas, a cidade é cortada por vários córregos de água no perímetro urbano, estruturados em forma de canais. Além disso, vários bairros possuem áreas alagadas que funcionam como escoadouros naturais de águas pluviais ou porções de terras inundadas por águas. Estas áreas urbanas formadas por lagos e várzeas são regionalmente conhecidas como “áreas de ressacas”¹.

A ocupação urbana nos primeiros tempos em Macapá foi realizada em sua área central, espaço que mais adiante viria se configurar como o centro administrativo e comercial da cidade. Aos poucos novos bairros foram sendo criados por meio da ocupação pela população. A partir da implantação do Território Federal do Amapá, em 1943, o centro da cidade foi ocupado para implementação da estrutura administrativa do governo, além de receber as primeiras ações de urbanização. Para tanto, o governador Janary Nunes promoveu ação de desocupação de tal área e empurrou a população que então habitava o lugar – formada em sua maioria por negros – para um bairro mais distante, que hoje é conhecido como Laguinho. Outros bairros foram sendo criados a partir de uma migração interna na própria cidade ou através da chegada de migrantes oriundos do estado do Pará ou de cidades do Nordeste.

A área em que realizamos a pesquisa fica situada em um dos bairros mais antigos de Macapá – o bairro Jesus de Nazaré. Inicialmente conhecido como Jacareacanga, o bairro localiza-se na parte oeste da cidade, a 03 km do centro, onde estão situados o Aeroporto Internacional de Macapá, o Ministério Público e o Pontifício Instituto das Missões Norte² (PIME). Trata-se de um bairro habitado por pessoas de diferentes classes sociais, notadamente de classe média e populações de baixa renda.

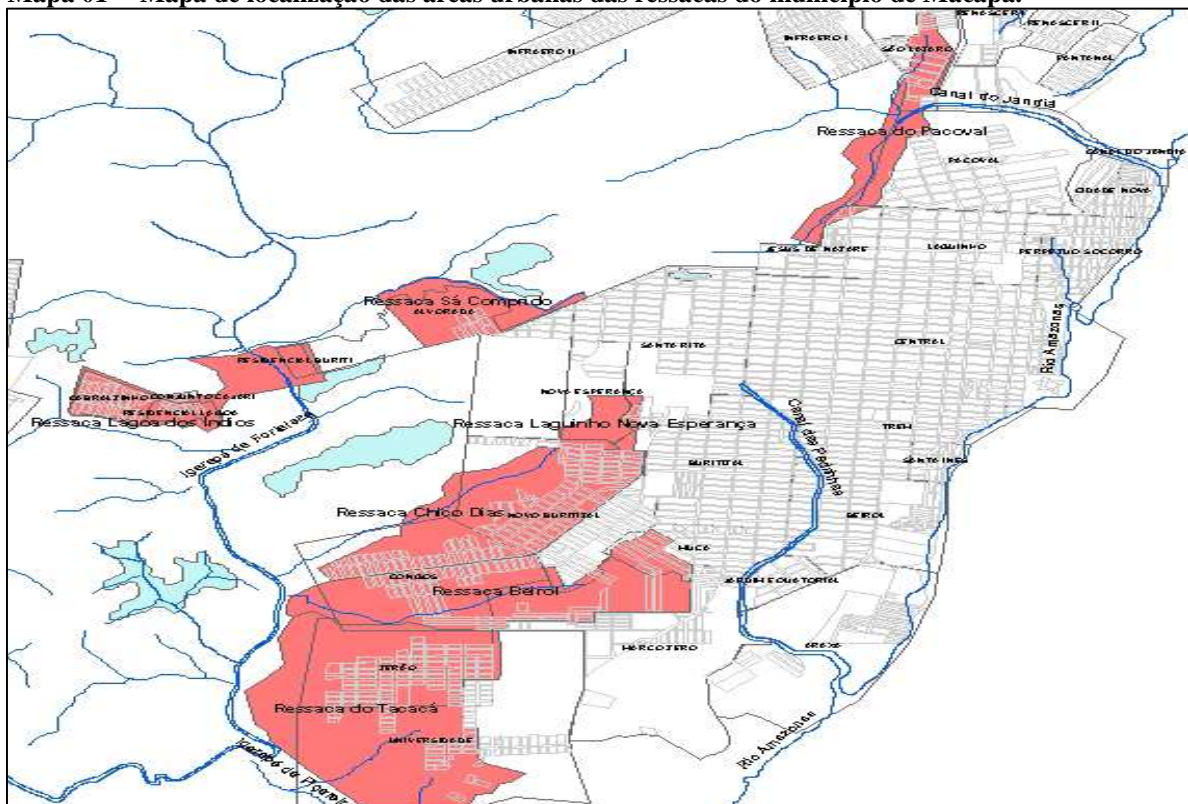
Na verdade, a distinção social reflete a ocupação do território no bairro. Podemos distinguir o território do bairro em duas dimensões: a parte alta – o asfalto – que é mais estruturada e a parte baixa – representada por ruas na sua maioria sem asfalto, áreas inundadas, moradias feitas de palafitas e ponte como meio de ligação com as ruas. A parte alta é habitada por segmentos de classe média, enquanto a parte baixa é ocupada, na sua maioria, por pessoas dos extratos mais pobres da população.

1- Área de ressaca: é um termo utilizado regionalmente para designar espaços inundados por água e tem grande importância ambiental, por contribuir para o equilíbrio climático. Desde a década de 70 estão sendo invadidas pela população menos favorecida economicamente.

2-PIME: importante congregação da Igreja Católica no Estado, responsável pela formação sacerdotal.

O estudo que empreendemos neste trabalho situa-se, mais precisamente em uma área alagada desse bairro, cujo lago liga-se a um canal que atravessa uma rua (Av. José Tupinambá), o qual tem conexão com as demais ressacas do bairro e deságua em outro bairro da cidade, denominado Pacoval. Aliás, essa imensa área inundada, formada por um grande lago, é denominada de “ressacas do lago pacoval”. O principal fluxo de escoamento dessa área é o Canal do Jandiá, que por sua vez despeja suas águas no Rio Amazonas (AGUIAR & SILVA, p. 187, 2004). O mapa abaixo ilustra o conjunto e fluxo das ressacas na área urbana da cidade.

Mapa 01 – Mapa de localização das áreas urbanas das ressacas do município de Macapá.



Fonte: AGUIAR & SILVA, 2004.

Podemos dizer que o bairro Jesus de Nazaré possui 02 espaços inundados por águas, os quais têm conexão com um único canal. Trata-se de uma área de ocupação que remonta à década de 1970 e que se acentuou ainda mais nos últimos vinte anos, com o fenômeno da migração e a consequente ocupação “desordenada” da cidade³.

3- A formação de bairros por meio de invasões é uma característica do desenvolvimento de ocupação da cidade, ligado ao processo migratório, majoritariamente por mão de obra não especializada, a partir do momento que Macapá passou a ser vista como um local de grandes oportunidades de emprego e dinheiro fácil. Isso ocasionou uma demanda intensa por moradia, consequentemente áreas desocupadas e de ressacas foram invadidas.

Assim, parte do bairro é ocupada por habitações de palafitas construídas sobre uma área alagada. As casas são erguidas acima do nível da água e da vegetação para que em período de cheia (normalmente no inverno quando as chuvas inundam o lago) as casas não sejam tomadas pela água.

Neste sentido, o estudo que explanamos aqui trata da habitação sob uma área inundada e que tem como ponto de referência o espaço habitado em uma ponte, que possui entrada e saída para duas ruas do bairro: as ruas Hamilton Silva e Pedro Américo. Em termos visuais é uma ocupação que possui o formato da letra “L”, mas que tem ainda alguns rearranjos que subvertem qualquer linearidade. A circulação de entrada e saída para a rua é feita por uma grande ponte e suas bifurcações, as quais funcionam como se fossem a extensão da rua.

Um aspecto importante na identificação dessa área habitada e de sociabilidade de seus moradores é o fato de tratar-se de um lugar conhecido no bairro e fora dele como ponte; os moradores desses locais também se identificam como moradores da *Ponte*. Portanto, a designação do espaço habitado é uma categoria nativa e que este estudo toma como referência, enquanto categoria empírica (nativa) e sociológica. Portanto, aquilo que tanto os moradores do local quanto a sociedade em geral percebe como algo já dado, ou seja, natural (mesmo que desaprovando a construção de casas nas áreas de ressacas), este trabalho utiliza as referências de estranhamento da antropologia e concebe como um fenômeno social e, por conseguinte, algo que deve ser objeto de uma investigação socioantropológica.

Observando o espaçamento e a distribuição de casas e pontes, bem como a organização das moradias e a infraestrutura interna demonstram que, mesmo em uma situação adversa, o espaço habitado não é um caos, como a sociedade predominantemente concebe essas áreas. Neste sentido, nosso trabalho pretende analisar as formas de organização de uma área de ponte, as relações sociais internas e os significados de morar em uma área periférica, alagada e vista de forma preconceituosa pelo meio social.

2.1 - Um breve histórico

A Ponte que serve de objeto deste trabalho fica localizada no final de duas vias do bairro: a Av. Marcílio Dias e a Rua Hamilton Silva, esta uma das principais da cidade, na qual se localizam alguns órgãos governamentais, tais como o Pronto Socorro, o Corpo de Bombeiros, além de passar ao lado da Polícia Federal. A Ponte tem continuação na Av. Pedro Américo, formando um alinhamento em forma de L.

Foto 01- Via de acesso à Ponte pela Avenida Pedro Américo.



Fonte: BIANCA NUNES, 2011.

A ocupação da referida área aconteceu em dois momentos: o primeiro se deu na parte que corresponde ao final da Rua Hamilton Silva, a partir de 1971. Segundo testemunhos dos primeiros moradores, a área era coberta por um matagal com incidência de uma árvore denominada popularmente de buritizeiro (*Mauritia Flexiosa*). Não havia eletricidade, nem água encanada, sendo que os moradores tinham de usar lamparinas para iluminar a casa. Para se chegar ao ponto de ônibus era necessário caminhar cerca de 02 km, até a Av. FAB, situada no bairro central da cidade e que ultimamente tornou-se uma das principais vias da capital, porque ali localizam-se os principais órgãos do governo, da esfera jurídica, além de dois hospitais.

Já em 1974, de acordo com Dona Benedita da C. Nunes (mais conhecida como Dona Biló) deu-se a ocupação na parte que fica na Av. Pedro Américo: “naquela época o pessoal começou a fazer casas por aqui [Av. Pedro Américo]; era gente de Breves, Afuá e gente do interior daqui mesmo.” Normalmente as pessoas que se instalavam no local, facilitavam a vinda de outros membros da sua família, o que por sua vez deu origem a uma rede de parentesco na ocupação da área e que se apresenta como um aspecto predominante na estrutura habitacional da Ponte.

Foto 02 - Quintal de uma casa na época da ocupação da área.



Fonte: Desconhecida.

A moradora nos conta ainda que: “[...] não existia bairro em 1976. Abriram uma estrada e colocaram o nome de Jacareacanga”. Nessa época o fornecimento de água era muito precário. Foram instaladas torneiras públicas em pontos estratégicos; havia uma na Avenida Marcílio Dias, outra na Pedro Américo perto da área invadida. Segundo a moradora:

As pessoas usavam água de poço para cozinhar, fazer as coisas. Cada morador tinha seu poço, só que todo mundo pegavam água para beber de um poço só, porque esse era o mais alto e tinha água mais limpa. Só depois, foi colocada uma torneira [na av. Pedro Américo] que era pra todo mundo, e o pessoal fazia fila para pegar água, que era melhor para beber. (Benedita da C. Nunes, residente há 40 anos na área).

Dona Alice do N. Cordeiro, também uma das pioneiras do lugar, nos confirmou as dificuldades enfrentadas na época,

Quando vim pra cá, o bairro era só mato e não tinha rua; só era caminhos por onde a gente passava. O governo fez casas para alguns funcionários morarem, era a Vila IPASE, ninguém queria morar no Jacareacanga, porque ficava muito longe; [...] O prefeito Barcellos estava aterrando a [rua] Hamilton Silva e parou o aterro perto da ponte. [...] Antes quando chovia a água não subia tanto, porque todo mundo limpava ao redor da sua casa e a água da chuva escoava. (Alice do N. Cordeiro, mora há 31 anos na área).

Já no final da Rua Hamilton Silva, em 1979, o primeiro morador do lado direito da Ponte, conta que só existiam casas a partir de um armarinho denominado “Anne” em diante. Segundo ele, os moradores cortavam os troncos dos buritizeiros e os estendiam para atravessar até o outro lado da área alagada. Este trecho na época, também era um lugar com muitos buritizeiros (*Mauritia Flexiosa*), carananzeiros (*Maurittiela Armata*) e capim. Havia apenas duas armações e a casa do Sr. Sérgio Nunes. Sobre esse primeiro momento de ocupação do lugar, ele afirma:

Todo tempo era cheio de água, não secava. Quando chegava o verão, outubro e novembro, [a área] secava que os moradores atravessavam andando, mas molhavam os pés. A prefeitura tentou embargar a invasão, mas sem sucesso, porque as casas foram sendo construídas muito rápido. As pessoas derrubavam a mata, limpavam o lugar e construíam suas casas. (Sérgio Nunes, morador há 32 anos no local).

Este senhor, uns dos pioneiros, ficou sem água encanada e sem energia elétrica por seis anos, de 1979 até 1985, quando conseguiu fazer uma ligação elétrica nas proximidades de um hotel que fica localizado próximo à Ponte. Em seguida, o referido morador adquiriu uma televisão em preto e branco, “a casa enchia de gente”, disse ele. Pois, era o momento em que as pessoas se reuniam para assistir às novelas e aos jogos de futebol. Ainda hoje a casa do Sr. Sergio Nunes é ponto de encontro entre os moradores, pois na mesma funciona uma pequena venda de comidas.

2.2 - A Ponte, as casas e o comércio

A Ponte constitui-se no prolongamento da Rua Hamilton Silva e da Avenida Pedro Américo. No passado, era formada por duas passarelas distintas, as quais foram unificadas com o tempo. Um exemplo disso são as correspondências de uma casa, que aparentemente pode se considerar estar localizada na passarela Hamilton Silva, porém, recebe cartas e contas pelo endereço da Avenida Pedro Américo, isto porque, a referida residência está fixada em um ponto que as duas passarelas foram unidas. A ligação das pontes se deu na medida em que crescia o número de casas no local, até chegar um momento em que ficou mais conveniente unificá-las, facilitando, assim, o acesso ao outro lado do quarteirão, como se pode observar na figura abaixo:

Foto 03 – Localização da Ponte – objeto de pesquisa – no bairro Jesus de Nazaré.



Fonte: GOOGLE, 2010.

A Ponte possui ao todo 333,00 m de extensão por 1,50 m de largura. É formada por blocos de madeiras, conhecidos popularmente como flechais, dispostos na direção horizontal que são sustentados por peças de madeira com maior resistência, tarugos e perna-mancas. Possui as extremidades pintadas de azul com cerca de 0,10 cm de tamanho.

Nela há casas, pequenos estabelecimentos comerciais e um constante trânsito de pessoas, bicicletas e motos. Porém, existem restrições para a circulação de automóveis, tendo em vista que não suportaria o peso dos mesmos. Há ainda outras pequenas pontes que ligam as casas à passarela principal; essas passarelas menores são de tamanhos variados, pois o comprimento de cada uma depende da distância entre a casa e a ponte que serve de ligação com a rua. Existem passarelas de determinadas casas que medem aproximadamente 15 metros de comprimento por 98 cm de largura. Na verdade, a espacialidade das casas na área não obedece a uma única forma. Há trechos da Ponte em que as casas ficam bem próximas, enquanto em outros, as casas chegam a uma distância de 15 metros, o que proporciona uma visão panorâmica aos moradores e, naturalmente, uma comodidade em relação não só ao fato de não serem incomodados pelo barulho de quem transita na ponte principal, mas também pela possibilidade de desfrutarem do vento que circula no meio ambiente.

Foto 04 – Distribuição espacial das casas e pontes.



Fonte: GILMARA NUNES, 2011.

Com relação à organização do espaço habitado, D. Maria Angélica, moradora antiga da área, afirma que a prefeitura mediu os espaços para cada morador, nas duas extensões:

Mas, os moradores do lado de lá [Av. Pedro Américo] ‘fecharam os olhos’ e foram dando partes de seus ‘terrenos’ pra quem não tinha onde morar. Até que ficou um amontoado de casas, e aqui [Rua Hamilton Silva] isso não aconteceu. (Maria A. Nunes, mora há 32 anos no local).

Isto porque, nesta parte da Ponte existem laços de parentesco. A partir dessa relação, muitos familiares – pais, filhos, irmãos, entre outros – normalmente doam um pedaço de seu lote a um parente, para este fazer a sua própria casa. Às vezes, esse processo de divisão da área habitada se dá entre pessoas que moram em uma mesma casa; outras vezes, é um parente que vem de um município interiorano ou de outro bairro e que, não tendo onde morar, recebe um pedaço do “lote” de um membro da família que mora na Ponte.

A Ponte não segue em linha reta, há curvas sinuosas, pois seu trajeto obedece a uma organização dos moradores no uso do espaço, de modo que ramificações foram sendo construídas em torno da passarela principal com a finalidade de incorporar mais indivíduos. Ao contrário do discurso oficial, em que nesses locais predomina a desordem e a total falta de

planejamento podemos afirmar que existe sim uma organização interna, uma lógica própria no sentido de habitar o espaço. Isto é evidenciado na forma de disposição das casas, quando as mesmas são construídas obedecendo a uma determinada altura, prevendo os dias de cheia do lago, bem como na delimitação do espaço e nas regras de convivência.

Em 2006, a Ponte era habitada por 77 famílias, segundo informações da Secretaria de Infraestrutura do Estado. Atualmente, de acordo com nossa pesquisa de campo, detectamos que existem 93 casas no local, o que, conseqüentemente, aumenta o número de famílias. As casas estão distribuídas em 35 domicílios do lado direito, para quem entra pela Hamilton Silva, e 32 domicílios do lado esquerdo. Além disso, há duas ramificações; pontes que foram construídas por de trás da passarela principal, contendo 10 residências em uma e 06 em outra. Trata-se de um arranjo visando redimensionar o espaço para incluir mais moradores.

As casas são de variados tipos, podendo ser classificadas, de acordo com a frequência, em:

- 1- Residências com três cômodos: possuem, geralmente, um quarto, uma sala e uma cozinha; ou ainda dois quartos e uma sala.
- 2- Residências com quatro cômodos: em que a maioria, é composta por dois quartos, uma sala e uma cozinha.
- 3- Residências com cinco, seis, sete cômodos: podendo ter até seis quartos, dependendo da quantidade de moradores.
- 4- Residências com dois ou um cômodo: neste caso, o primeiro é composto por quarto e sala e outro que comporta tudo em apenas um cômodo.

Foto 05 – Tipos de casas presentes na Ponte.



Fonte: BIANCA NUNES, 2011.

É habitual a presença de pátios nos domicílios e, em alguns deles, uma área de serviço. Outros, porém, não têm um cômodo exclusivo para a cozinha. A maioria das casas é feita de madeira e algumas poucas são de construção mista. Algumas possuem compartimentos divididos por cortinas ou ainda por material reaproveitado. Verificamos também que duas residências são de “altos e baixos” e várias delas são pintadas. Em relação aos banheiros, alguns poucos são de alvenaria e ficam fora, outros dentro da casa.

Na Ponte há um pequeno comércio o que facilita aos moradores na hora de adquirir mantimentos básicos sem precisar sair do local. Existe ainda um bar próximo à entrada pela Avenida Pedro Américo. Ele é pintado nas cores azul e branco e funciona como *point* de diversão, no qual há duas mesas de sinuca, dois banheiros para clientes e uma churrascaria. Deste modo, o bar serve como uma opção de lazer para os moradores. Abordaremos este assunto mais adiante.

Foto 06 – O bar da Ponte.



Fonte: SCHEILIAN MORENO, 2011.

2.3 - Água, energia, lixo e o lago.

A água que abastece a Ponte é de origem da Companhia de Água e Esgoto do Amapá – CAESA, porém, de maneira irregular. Os moradores fizeram uma extensão dos canos da companhia que passam perto da Ponte. Entretanto, o abastecimento ocorre de maneira precária, em todo bairro inclusive, dificultando as tarefas do cotidiano. Segundo relatos dos moradores, a partir de dez ou onze horas da manhã o fornecimento de água diminui, podendo ser adquirida somente nas torneiras mais baixas, não alcançando pias e chuveiros.

A fiação elétrica é outra dificuldade enfrentada pelos moradores, pois os postes são de madeira – apenas um de concreto – e se encontram bastantes deteriorados, além de que os fios estão muito baixos, tornando-se um risco para quem utiliza a passarela, principalmente às crianças. Na maioria das casas é cobrada tarifa de luz, entretanto por meio de programas sociais o governo estadual subsidia o valor das taxas de algumas delas. Outra característica é a presença de tv cabo, sendo que há 09 unidades em toda a Ponte.

Em relação ao destino do lixo produzido, este é recolhido e levado até as extremidades da Ponte, o que facilita a sua coleta, que é realizada todos os dias pela empresa coletora municipal responsável. Tais resíduos aguardam remoção dentro de grandes lixeiras fixadas ao

lado de cada entrada da Ponte. O depósito de lixo da Avenida Pedro Américo é feito de aço e aparenta ter sido fixado há algum tempo, pois seu material está bastante desgastado. Já a lixeira da Rua Hamilton Silva foi fabricada pelos próprios moradores, que, segundo eles, estavam cansados dos transtornos ocasionados pelo lixo, que antes era colocado dentro de sacos plásticos, diretamente no chão. A lixeira é feita de madeira e contém um saco de fibra em volta de sua fachada para evitar que os animais tenham acesso ao lixo e o espalhem pelo chão.

Foto 07 - Lixeira na entrada da Ponte pela Rua Hamilton Silva.



Fonte: SCHEILIAN MORENO, 2011.

Já no que concerne ao lago, de acordo com o Sr. José Marques, é muito profundo. Segundo ele, quando se constrói uma casa no local, uma viga de madeira de 6 m submerge por completo, tendo que fixar em sua base pedaços de madeira em forma de cruz para que a viga não desapareça nas profundezas da terra, tendo em vista que se trata de uma área de várzea. Medindo a profundidade do lago até a terra, tem-se aproximadamente de 1,60 a 3,00m em dias de cheia, o que significa bastante água com certa profundidade para um espaço de habitação.

Outro fato importante é o lixo acumulado no lago, que mesmo com todo o cuidado na coleta fica sempre à mostra. São garrafas pet e sacos plásticos jogados por alguns moradores

ou trazidos pela água da chuva que escorre das ruas para o lago. Os dejetos humanos são despejados diretamente na água, prejudicando tanto a ressaca quanto a qualidade de vida dos residentes, além de contribuir para um mau cenário, como observado na foto seguinte.

Foto 08 - Lixo acumulado no lago que passa sob a Ponte.



Fonte: GILMARA NUNES, 2011.

2.4 - Descrição do entorno da Ponte

Nas proximidades da Ponte, pela Rua Hamilton Silva, existem alguns estabelecimentos do começo do quarteirão até o início da passarela: há uma mercearia, uma padaria, um armarinho, uma assistência técnica de eletrodomésticos, um mini-box e mais outra mercearia, esta se localiza na entrada da Ponte. Além de uma bateadeira de açaí, que é extensão da primeira casa do lado direito da passarela, onde também vende comida assada. Lá se encontra o banco dos amigos, em que os vizinhos se reúnem para “colocar o papo em dia”.

O contraste social é intenso entre as ruas Hamilton Silva e Marcílio Dias em comparação à Ponte, uma vez que ambas, mesmo tão próximas, estabelecem um cenário desigual, visto que classes sociais diferentes habitam esse espaço. Essas ruas pavimentadas, com intenso fluxo de carros, casas de alvenaria e estabelecimentos comerciais, cruzam-se com

uma passarela sem tráfego de veículos e ocupada por casas mais humildes. Abordaremos em outro momento essa questão.

Já do outro lado da Ponte, na Avenida Pedro Américo, contando do final do quarteirão ao começo da passarela, além das residências, há uma mercearia bem próximo dali, uma escola de jardim de infância, uma vila com quartos para alugar e uma oficina de carros. Notamos que nessa avenida há uma maior tranquilidade, visto que o trânsito não é intenso; as crianças brincam livremente e até mesmo alguns animais, como galinhas, circulam sem competir com carros e motos.

Atrás da Ponte localiza-se o muro do Aeroporto Internacional de Macapá, por onde passa a Rua Professor Tostes, cujo trecho não é asfaltado, de forma que em dias de chuva causa transtornos à população, por causa do excesso de lama. Na oportunidade, conversando com uma moradora da referida rua, ela nos disse que sua casa, bem como outras do lugar, possuem saída tanto para Ponte como para rua, mas que prefere sair pela passarela a enfrentar o lamaçal.

Perto dali há também algumas opções de escolas públicas para os moradores como a Escola Jesus de Nazaré, Castro Alves, Gabriel de Almeida Café, Rondônia, além do Jardim de Infância Sementinha que fica localizada em uma das ruas da Ponte. Identificamos entre os moradores três estudantes universitários, entretanto a maioria não concluiu a educação básica. Alguns deles, idosos, vieram do campo e nunca estudaram.

Na área não há posto policial e nem de saúde, estando mais próximo somente hospitais especializados, como hospital geral, maternidade, pediatria e pronto socorro infantil, que se encontram na área central da cidade. A falta de postos de saúde dificulta a vida dos moradores, quando estes precisam de consultas médicas. Podemos dizer que o problema é amenizado, mas de forma insuficiente, pelo programa “Médico da Família”, que periodicamente presta assistência aos moradores. É um programa do governo federal, mas administrado pela prefeitura, onde médicos e enfermeiros visitam os moradores em suas casas. No entanto, as consultas não acontecem com frequência suficiente para suprir a demanda. Verificamos que duas famílias possuem plano de saúde. Portanto, a inexistência de postos policiais e de saúde dificulta a vida dos moradores já que muitos deles se dirigem a bairros mais distantes em busca desses serviços.

CAPÍTULO 3: O SIGNIFICADO DE MORAR NA PONTE

Neste terceiro capítulo abordaremos o significado de morar na Ponte, sob o ponto de vista dos moradores. Sabe-se que estas pessoas moram em um ambiente desprivilegiado, sendo muitas vezes interpretado como uma “área degradada”. Vale ressaltar que Whyte (2005, p. 348) usa tal expressão para definir uma área urbana com alta concentração de pessoas de baixa renda, vivendo em habitações dilapidadas e em péssimas condições sanitárias e de saúde.

3.1 - A ocupação de uma área alagada

A Ponte é resultado de uma invasão, o que é comum em outras partes da cidade, pois, a maioria dos bairros de Macapá surgiu a partir de ocupações não planejadas pelo poder público, por pessoas que geralmente não têm como comprar um lote, a fim de construir a casa própria. Assim, formou-se inicialmente na capital aglomerados que vieram mais tarde a ser reconhecidos pela prefeitura como bairros, recebendo infraestrutura básica conseguida aos poucos através de muitas reivindicações por moradores organizados.

Espaços habitacionais na periferia, localizados em terrenos baldios, são tidos comumente pela sociedade como áreas desprezadas, por serem pouco privilegiadas, sem infraestrutura adequada e geralmente longe do centro urbano. Áreas dessa natureza em Macapá podem ser comparadas às favelas das grandes cidades, objeto de estudo de Kowarick. Segundo ele, “para viver na cidade, a imensa maioria da classe trabalhadora, migrante ou nativa, só pode se fixar em áreas distantes dos centros equipados” (KOWARICK, 1993, P. 85).

Em Macapá, são comuns locais habitados com essas características, em espaços alagados e que são conhecidas como “áreas de ressaca”. A ocupação desses lugares se dá por diferentes formas: por um lado, pessoas que realmente têm necessidade e, por outro, pessoas que invadem áreas não habitadas – ainda que possuam proprietários – por motivos de especulação, isto é, ocupam lotes de terras urbanas com o propósito de assegurar periodicamente um pedaço de terra para em seguida comercializá-lo.

Mas, ao contrário do discurso oficial – de que espaços como esses são socialmente desorganizados –, identificamos na Ponte, uma organização do espaço habitado e no modo particular de se viver ali. Ainda que a área em que pesquisamos pareça imprópria para se

morar, e que por conta disto venha a sofrer discriminações por parte da sociedade, os moradores gostam de viver na Ponte. A maioria deles expressa satisfação em habitar na área, apesar das dificuldades.

Eles afirmam ter algumas vantagens em morar no local como, por exemplo, estar próximos ao centro comercial e administrativo da cidade, o que facilita a vida, pois muitos problemas são resolvidos nos órgãos públicos, situados próximos dali.

Moro aqui há 11 anos, e gosto de morar aqui, porque acho um lugar tranquilo, e é perto do centro, da escola, da igreja. [...] A única dificuldade é a água, que só cai na torneira à noite e também não tem posto médico, o mais próximo é o [bairro] do Perpétuo Socorro [...] (Dona Maria das Dores Silva, moradora e comerciante na área).

A proximidade com os familiares como nos relatou Dona Edna,

É difícil o poder público olhar pra cá; só nas eleições [...]. Moro aqui há 30 anos e gosto de morar aqui; é perto da escola, do centro, de tudo. [...] As pessoas se ajudam quando ficam doentes. [...] Tomo minha cervejinha no bar da minha mãe. Moro perto de meus pais, conheço todo mundo aqui [...] (Dona Edna M^a dos S. Duarte).

Dona Francidalva nos contou porque gosta de morar no local,

Gosto de morar aqui é perto de tudo. [...] Sou de Breves e vim pra cá por causa da dificuldade de arranjar emprego lá. [...] A minha irmã mora aqui do lado e tenho uma boa relação com os vizinhos. (Dona Francidalva R. de Souza, mora há mais de 20 anos na área).

3.2 - Situação socioeconômica

A Ponte é habitada por uma parcela significativa de migrantes, que se dirige a Macapá à procura de emprego. Ali, encontramos pessoas nascidas em Macapá e migrantes atuando como trabalhadores autônomos: vendedores de comida, pedreiros, pintores e revendedores de produtos diversos. Atuando na iniciativa privada, têm-se: vendedores em lojas, vigilantes, serviços gerais, empregadas domésticas e cerigrafos. Já no setor público identificamos um agente administrativo, um técnico em enfermagem, um agente de saúde.

Durante a pesquisa, constatamos que, em geral, uma ou duas pessoas ajudam no orçamento da casa, sendo o pai o provedor principal. Mas há também mães que sustentam sozinhas as suas famílias e ainda pais e mães que dividem tal tarefa. Alguns moradores

disseram não haver em suas casas nenhuma pessoa trabalhando; sobrevivem, em geral, através de pensões, aposentadorias ou de benefícios sociais.

Em média possuem renda de dois salários mínimos, porém, identificamos entre eles, três famílias que se destacam pelo orçamento familiar acima de quatro salários mínimos. Duas famílias possuem carros e quatro possuem motos, onde os carros ficam estacionados na rua, no início da Ponte e as motos são guardadas dentro das casas de seus proprietários.

Perguntamos ainda aos moradores se possuíam religião. Identificamos vários católicos e evangélicos de diversas denominações que frequentam igrejas próximas à Ponte. Os católicos, por sua vez, participam de atividades religiosas principalmente na igreja Jesus de Nazaré, que fica localizada alguns quarteirões dali e é uma das paróquias católicas mais conhecidas da cidade por estar situada na mesma quadra da Diocese de Macapá⁴. Encontramos também uma mulher que se identificou como praticante do budismo. Ela nos revelou que tem a intenção de colocar em prática um projeto de recreação, com o propósito de levar lazer e religiosidade às crianças da localidade.

Uma maciça parcela das casas é habitada por famílias, pois nas residências em que visitamos apenas duas delas havia um único morador. Contudo, quando chegaram à Ponte, esses moradores trouxeram consigo seus familiares. Alguns, posteriormente se separaram e passaram a morar sozinhos. Isto implica dizer que, as limitações econômicas e a necessidade da casa própria são fatores determinantes para a maioria das pessoas que escolheu morar na área. Além de não terem condições financeiras de arcar com a compra da casa própria, sem ter que esperar alguns longos anos, essas pessoas precisam de “um teto” para morar com a família. Como nos disse o Sr. José Marques: “não tenho como comprar um terreno no firme por isso vim pra cá, na época com mulher e filhos”.

Identificamos apenas duas casas alugadas na área, de forma que o sonho da casa própria se concretiza para estas pessoas sem tanta espera, seja através do fenômeno da invasão ou compra (de antigos invasores), de um espaço em uma área alagada. Assim sendo, a casa na ponte simboliza uma conquista, como disse D. Zuleide de Barros: “mesmo estando no lago, a casa é minha e é isso que importa!” É o lugar em que os laços de parentescos e de amizades são construídos, vividos e renovados diariamente, da mesma forma que em outros espaços. Contudo, um fato pode singularizar as relações sociais na Ponte: a questão de que

4-Diocese de Macapá: órgão maior da igreja católica no estado, tendo sede na capital do Estado, no bairro Jesus de Nazaré.

muitas famílias vão se reproduzindo e se concentrando na mesma área, em razão de dois aspectos já abordados – a carência de recursos para adquirir uma casa em outro lugar, a afetividade e sentido de coesão na esfera familiar, que faz muitos filhos e outros parentes permanecerem na Ponte e a comodidade de morar na área urbana próximo do centro da cidade.

Constatamos que, atualmente, os terrenos apresentam preços tão vultosos, no bairro Jesus de Nazaré, próximo à Ponte. Ali, uma casa em terra firme (na parte alta do bairro) não sai por menos de R\$ 80.000,00⁵ (oitenta mil reais), tornando-se impossível para uma família que geralmente tem uma renda que não excede dois salários mínimos, obter um terreno no bairro. Dessa forma, existem aspectos simbólicos e sociais projetados no ato de morar, revestidos de significados atribuídos ao local e, por conseguinte, à moradia, que podemos classificar em três níveis:

1- nível moral: por ser o lugar onde se conquistou a casa própria com o esforço do trabalho e se criou ou se cria os filhos;

2- nível afetivo: já que familiares e amigos moram perto;

3- nível econômico: concretiza a casa própria e também por se localizar próximo ao trabalho e ao centro comercial e administrativo, evitando dispêndio de recursos com transporte.

Destarte, a obtenção da casa própria, mesmo na Ponte, e mais ainda localizada no bairro em que está, adquire uma relevância para os moradores, tendo em vista as vantagens – já debatidas anteriormente – de morar em um bairro que possui uma localização estratégica e é valorizado economicamente.

Outra questão que merece reflexão é o processo de construção das residências, que possui dois aspectos específicos da Ponte: a) a madeira é a matéria prima na construção das casas, mas muitas recebem um reforço com material reaproveitado, podendo ser utilizado para fazer uma porta ou janela; b) o fato das residências estarem bem perto da água – o que acelera seu processo de deterioração – e ante o aumento gradativo do lago a cada ano, os moradores refazem suas casas por diversas vezes. Como nos disse o Sr. José Marques: “já construí essa casa várias vezes, e sempre tem que ir fazendo mais alta, porque todos os anos o lago enche mais”.

5-Na oportunidade verificamos os classificados de um jornal local, os valores de imóveis no bairro Jesus de Nazaré, no qual identificamos preços que variam de R\$ 80.000,00 (oitenta mil reais) à R\$ 450.000, 00 (quatrocentos e cinquenta mil reais).

Esse processo de construção da própria moradia, de acordo com Kowarick, é uma fórmula utilizada pela classe trabalhadora para sobreviver com seu míngua orçamento de consumo. Segundo ele:

[...] esse longo processo redonda, no mais das vezes, numa moradia que, além de ser desprovida de infraestrutura [...] apresenta padrões bastante baixos de habitabilidade. Além disso, a casa se deteriora rapidamente, pois é feita por moradores não especializados que utilizam técnicas produtivas e ferramentas rudimentares, onde a divisão do trabalho é praticamente inexistente e sua construção efetuada aos poucos e sem sequência programada. (KOWARICK, 1993, p. 65).

Da mesma maneira, para a construção dos domicílios na Ponte, as famílias contratam carpinteiros ou eles próprios constroem as suas casas. Para isso, entram no lago contaminado pelo lixo que é jogado ali. “Não existe época para construir casa, é conforme a necessidade, até porque o lago não seca mais. Então tem que entrar no lago mesmo, se quiser fazer a sua casa”, nos contou o Sr. Robson Nunes.

3.3 - A relação familiar

Existem dois tipos de famílias na Ponte: a) as nucleares (pai, mãe e filhos) e, b) as extensas, formadas pela família nuclear e os agregados. Visto que, é comum as pessoas dividirem o espaço de moradia, com o convívio de parentes – sobrinhos, genros, noras, netos, sogros, sogras, avós e outros. As casas com famílias numerosas são uma das peculiaridades da área. A questão familiar é um aspecto muito importante no processo de organização da Ponte, pois é, muitas das vezes, a causa para alguns moradores se instalarem, saírem ou permanecerem no local.

Em relação a isso, D. Edna Maria Duarte nos disse: “eu tive a oportunidade de morar em uma casa no firme, mas meu pai e a minha mãe, que é doente, precisam de mim”. Assim como alguns habitantes, esta senhora cresceu na Ponte e quando constituiu família também fez uma casa na área, podendo assim, ficar perto de seus pais. Os familiares – filhos, irmãos e outros parentes – geralmente constroem suas moradias ao lado, à frente ou nos fundos da casa em que vivia. Mesmo depois do casamento, alguns mudam de residência, mas continuam morando na área.

Com efeito, observamos que na Ponte, há uma subjetividade no morar. Ficar perto dos parentes é um dos fatores responsáveis pela chegada de pessoas à área: “minha irmã veio primeiro, por isso vim para cá também”, nos contou D. Sandra de Souza. Além disso, a

demanda de indivíduos migrantes, tanto de outros bairros como de outras cidades, que conseguiram melhores condições de vida, e posteriormente trouxeram seus familiares, contribuiu para uma ampla rede e parentesco que se desenvolveu no lugar. Esse processo migratório, segundo Durham (1986, p. 03), está associado a um projeto familiar de melhoria de vida, especialmente entre a população de baixa renda.

3.4 - O cotidiano e as relações sociais: a organização do espaço em uma área alagada

As áreas de ponte são consideradas pela sociedade como espaços em que predominam a marginalidade e o tráfico de drogas. É fato que em alguns lugares como esses, há a presença de violência ou a circulação de entorpecentes, entretanto tal fato não pode ser generalizado. A Ponte é um lugar de moradia, em que pessoas criam seus filhos e buscam viver de maneira digna, como evidencia o depoimento de Edna Maria Duarte: “foi aqui na Ponte que meus pais me criaram e é aqui que eu crio os meus filhos, mesmo com as dificuldades”. A ideologia de que áreas de ponte são *locus* da criminalidade, foco de doenças e contaminações é bastante disseminada no meio social e reforçada pelos meios de comunicação (sobretudo nos noticiários). Sempre quando se reporta a doenças, os jornais apresentam reportagens com imagens desses ambientes, o que dissemina uma forma negativa no pensar e refletir a moradia em áreas como essas.

Desse modo, vários moradores relataram como é difícil morar em cima da água, como disse o jovem Eduardo Pantoja: “não é agradável morar no alagado. Não gosto de morar aqui; moro porque fica perto do meu trabalho”. Entretanto, mesmo diante das dificuldades de se morar na Ponte, encontramos indivíduos que se sentem satisfeitos vivendo ali, como o Sr. Sérgio Nunes, que nos disse: “É maravilhoso morar aqui; é tranquilo, ventilado e os meus filhos estão perto de mim”.

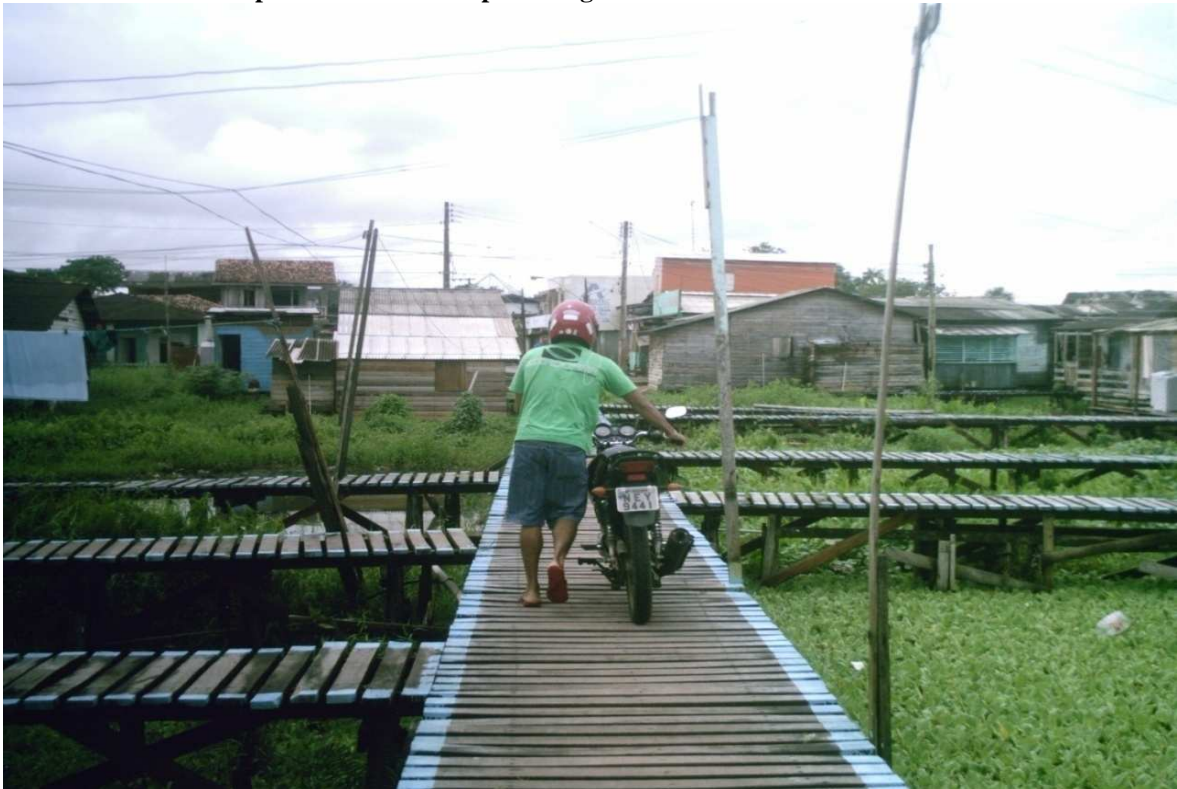
3.4.1 - A Ponte e suas regras

Um aspecto que nos chamou atenção foi a maneira como se estabelecem as relações de convivência entre os moradores da Ponte. Percebemos que existem regras de convivência, e que devem ser obedecidas, tanto para os que lá moram como para os que apenas se utilizam da passarela. Segundo os moradores, a Ponte é o meio pelo qual se tem acesso ao asfalto, então é necessário que seja preservada, já que é um bem comum. Tal fato implicou na

definição da regra de que não se deve passar sobre a passarela dirigindo motocicleta, visto que a ponte vai se deteriorando com maior rapidez.

Assim, quando estipularam essa norma, os moradores conversavam com as pessoas que passavam sobre a passarela de moto. Porém, para aquelas que não obedeceram, fizeram valer o cumprimento da mesma pelo uso da força. Uma vez quebrada a regra, a sanção era ser jogado no lago junto com a moto. Segundo o Sr. o Robson Nunes, isto chegou a acontecer: “Colocamos uma placa avisando que era proibido andar em cima da moto na ponte, mas teve gente de fora que insistiu e eu e mais dois vizinhos jogamos um homem no lago”. A regra vale até os dias atuais, como mostra a foto abaixo.

Foto 09 - Morador empurrando sua moto para chegar ao asfalto.



Fonte: BIANCA NUNES, 2011.

Além do uso de regras de convivência para se estabelecer uma ordem no espaço, os laços de solidariedade entre os vizinhos são fortes e se exercem através da ajuda mútua e cooperação. Durante a pesquisa de campo, obtivemos relatos de pessoas que já receberam ou doaram auxílio a quem teve sua casa alagada pela cheia do lago, nos dias de chuvas intensas. “Um tempo atrás a casa da vizinha alagou e nós nos juntamos para levantar a geladeira, o fogão, o sofá e as outras coisas. Doamos alimentos também [...]”, nos contou D. Sandra Souza. Outro exemplo de ajuda mútua é quando um morador precisa sair e, assim, deixar sua casa sozinha. Ele pede ao vizinho que vigie as roupas no varal, ou mesmo a casa em caso de

viagem. Além de haver o empréstimo de remédios e alimentos (uma caneca de arroz, açúcar, etc.).

Dessa forma, a ajuda entre vizinhos depende da maneira que se estabelecem as relações entre ambos. Por exemplo, se um morador trata de forma respeitosa o outro, será tratado de mesmo modo. Se lhe empresta algo, no futuro terá o favor retribuído. Haja vista, podemos interpretar esta ajuda mútua, representada pelos empréstimos de alimentos, remédios ou ainda troca de favores, no âmbito da teoria da dádiva de Marcel Mauss. O autor constituiu uma teoria da dádiva, a partir das relações de trocas entre populações primitivas, as quais movimentavam um sistema de intercâmbio de mercadorias sem a mediação do dinheiro. A base social da dádiva, na concepção de Mauss, é estabelecida na relação entre *dar e receber*. Nas palavras do autor:

O caráter voluntário, por assim dizer, aparentemente livre e gratuito, é, no entanto, obrigatório e interessado, dessas prestações. Elas assumiram quase sempre a forma de regalo, do presente oferecido generosamente, mesmo quando nesse gesto que acompanha a transação, há somente ficção, formalismo e mentira social e quando no fundo obrigação e interesse econômico. (MAUSS, 2003, p. 188).

Na vizinhança em questão, as pessoas viabilizam determinados favores tendo em vista a retribuição futura, pois se uma pessoa empresta determinado alimento ou dinheiro do vizinho, ela é obrigada a retribuir já que do contrário não poderá emprestar novamente. Essa reciprocidade entre os indivíduos da Ponte evidencia diferentes formas de solidariedade, possibilitando a manutenção de laços entre as pessoas, as quais possuem algo em comum – morar no mesmo local. Com isso, estabelecem-se diversas possibilidades de redes sociais de cooperação, entre as quais destacamos:

1- Entre parentes: contendo uma relação mínima, em que estabelecem contatos bastante próximos;

2- Entre vizinhos imediatos: aqui, mantêm-se relações diárias, em que os moradores se ajudam em necessidades vividas no cotidiano da ponte;

3- A ponte como um todo: estabelece-se uma relação mais extensa, entretanto, acontece em pontos específicos. Nestes, verificamos, por exemplo, a reforma da Ponte ocorrida somente na parte correspondente a Hamilton Silva e a troca de postes e de fiação elétrica mobilizada por meio de abaixoassinado, pelos moradores da Avenida Pedro Américo.

Portanto, o contexto de solidariedade se dá através de relações mais amplas em determinadas situações e menores em outras, dependendo do que está em jogo. Neste sentido, a Ponte se apresenta como instituição, que além de ser referência para o estabelecimento de

formas de sociabilidade, relações de vizinhança, de amizade, de troca, assim por diante, os moradores reivindicam melhorias em nome dela, trazendo benefícios coletivos. Ela é o liame entre a travessia e o local de habitabilidade, que por sua vez é comum a todos.

Embora exista esta relação recíproca entre a vizinhança, há incidência de conflitos e aborrecimentos, como em qualquer outro lugar ou em qualquer relação. Algumas pessoas preferem não estar constantemente na casa uns dos outros; “é cada um na sua”, como nos disse D. Maria Angélica, pois dessa maneira evitam-se comentários impertinentes da vida alheia.

Um conflito que nos foi relatado diz respeito ao volume do aparelho de som de um morador. Como ele costumava utilizar o aparelho em nível alto, isto incomodava uma vizinha, que tinha problemas de saúde, e o caso foi parar na justiça. D. Kátia dos Santos desabafa: “Eu tenho problema cardíaco e passava mal, sentia muitas palpitações. [...] Parece que as pessoas que moram no lago, pensam que estão no meio do mato escutando música no volume alto”.

É uma prática corriqueira chamar a polícia ambiental para resolver casos de vizinhos que extrapolam no volume do som. Quando perguntados sobre a altura do som do bar localizado na Ponte, os moradores falaram que não os incomoda, mas que outrora já foi inconveniente.

3.4.2 – Sociabilidade

As relações sociais na Ponte são diversificadas. Há alguns moradores que adotam postura individualista, ou seja, não mantendo vínculos de reciprocidade com os vizinhos. Não frequentam as casas ao redor, como nos contou a moradora Chantal Fernandes: “fui taxada de ‘metida’ por não querer estar na casa de vizinhos”.

Por outro lado, há também aqueles que gostam de cultivar relações de amizade, possibilitando a existência de uma rede de sociabilidade na área. Exemplo disso é a amizade de duas moradoras idosas – Dona Alice Silva e Dona Virgínia Pimentel – que perderam seus filhos prematuramente e se uniram pela dor, onde se visitam todas as tardes para longas conversas.

Presenciamos vários momentos de lazer entre os moradores, em que a sociabilidade se constituiu. Verificamos essa situação em uma ocasião de confraternização de dois vizinhos que moram próximos, o Sr. Robson Nunes e o Sr. José Marques, no qual escolheram o pátio

para esse fim. Escutavam músicas e tomavam cerveja, além de colocarem os assuntos em dia, jogavam dominó, juntamente com amigos da Ponte e convidados de fora.

Nessas circunstâncias, identificamos uma das opções de lazer dos moradores. No caso citado, o pátio da casa representa um espaço de lazer, reforçado pelo fato de permitir uma vista privilegiada, além de uma ótima ventilação. O pátio é o ponto de encontro dos fins de tarde e principalmente nos finais de semana, como nos relatou o Sr. José Marques: “Como não temos muitas opções de diversão, a gente se diverte aqui mesmo; colocamos a caixa amplificadora no pátio, chamamos os amigos e bebemos nossa cerveja”.

Talvez pelo fato do pátio possibilitar um lazer seguro e de “graça” (sem precisar sair de casa para se divertir), que a maioria dos domicílios da Ponte o possui. Ou ainda por outros motivos, como, por exemplo, fugir do sol e do calor na frente da residência, podendo conversar tranquilamente com amigos e vizinhos, bem como se embalar na rede à noite. Além disso, o pátio é o espaço apropriado para as crianças brincarem à vontade. Dessa forma, além dos pátios servirem de local para a “recreação infantil”, são utilizados também para a realização de programas masculinos de final de semana e encontros femininos, geralmente no final da tarde, no qual as moradoras conversam e tomam café no pátio de suas casas.

Haja vista, podemos associar os pátios às calçadas, em que são comuns algumas pessoas se apropriarem destas como extensões de suas residências, utilizando-as, principalmente no final do dia, onde colocam cadeiras em frente de suas casas, para ver o movimento da rua. Neste caso, tem-se a seguinte equação: pátio = calçada e ponte = rua.

Magnani (1998, p.56) explica que esse tipo de costume é um privilégio apenas para as cidades pequenas, pois metrópoles como o Rio de Janeiro já passaram por um processo de rápida transformação urbana. Para o autor, “há tempos as cadeiras foram recolhidas, tal fato pela rua ter se tornado inóspita ou porque, àquela hora, o apelo da televisão mantém os moradores no espaço privado da casa” (MAGNANI 1998, p.57). Dessa maneira, seguindo a idéia do referido antropólogo, vemos que a vida tranquila, dos fins de tarde, pegando um ventinho no rosto, nos pátios da Ponte, é um privilégio para poucos, mas que os moradores desse lugar ainda podem desfrutar.

Normalmente os pátios das residências são construídos com cercados, feitos principalmente com o intuito de proteger as crianças, devido ao risco de cair na água. Preocupada, Camila Teles nos contou: “comprei um aparelho de DVD e jogos eletrônicos, só para minhas filhas não terem que ficar na ponte”. Vimos algumas crianças, circulando livremente pela Ponte. Estas vão à casa de parentes, ou ainda fazem tarefas para seus pais,

como por exemplo, ir a estabelecimentos comerciais próximos. Entretanto para outros pais a opção de realizar as tarefas fica a cargo dos adultos, e só permitem que seus filhos brinquem na frente da casa em sua companhia. Encontramos também algumas crianças brincando de tacobol⁶ e futebol no final da Ponte, na parte asfaltada da Avenida Pedro Américo.

Foto 10 - Crianças brincando na Ponte.



Fonte: SCHEILIAN MORENO, 2011.

Outra opção de lazer para os moradores são as praças da cidade, principalmente a Praça Beira Rio, o Parque do Forte e a Praça Floriano Peixoto (localizadas na área central da cidade), em especial para os jovens e para as crianças, pois não há parquinho por perto para estas brincarem, já que a praça do bairro está em reforma há cerca de cinco anos. Já para os idosos, o momento de lazer se dá na ida à igreja, bem como para alguns adultos à ida ao Solidarietà (Salão de festa de uma escola de samba do bairro) em dias de festa.

6-Tacobol: Brincadeira em que duas duplas competem utilizando duas latas, dois tacos e uma bola. Uma dupla detém a posse dos tacos com o objetivo de proteger as latas e a outra tenta derrubá-las com a bola, para assim obter os tacos e ganhar pontos.

Foto 11 - Praça do bairro Jesus de Nazaré em reforma .



Fonte: GILMARA NUNES, 2011.

Há ainda moradores que preferem se reunir, à noite, na casa do Sr. Sergio Nunes. Lá funciona uma pequena venda de comidas e logo em frente tem o banco dos amigos, no qual os frequentadores do “pedaço” podem conversar à vontade. Na concepção de Magnani (1998, p. 116), o *pedaço* supõe uma referência espacial, onde se tem a presença regular de determinado grupo de frequentadores pertencentes a uma rede de relações, que possuem um código de reconhecimento e comunicação entre eles. Trata-se de um espaço marcado pela moradia e pela vizinhança, como neste caso. Segundo ele:

O termo na realidade designa aquele espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais densa significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade. (MAGNANI, 1998, p. 116).

Os moradores contam ainda com o bar de D. Maria como referência para o lazer. Os residentes da parte referente à Avenida Pedro Américo são os que mais frequentam o bar, entretanto, em dias de festa tem-se a presença de pessoas das redondezas da Ponte. A movimentação começa no período da tarde, na qual os frequentadores se reúnem para jogar baralho, sinuca e dominó. Já à noite, vão para curtir o som e beber, sendo que nos finais de

semana há maior concentração de pessoas, que são normalmente amigos e colegas dos moradores.

Foto 12 - O Bar da Ponte.



Fonte: SCHEILIAN MORENO, 2011.

Quando esses indivíduos utilizam dessas formas de lazer, buscam mais do que a reposição das forças e da vitalidade perdida em uma semana de trabalho. Vão também à procura de entretenimento e encontro de amigos, além de procurarem estabelecer e manter uma rede básica de sociabilidade. É possível distinguir, por exemplo, formas de entretenimento, características dos homens, como a ida ao bar de D. Maria dos Santos e ao banco dos amigos, em que percebemos que a maioria da clientela é do sexo masculino. Por outro lado, a venda de comidas do Sr. Sergio Nunes é um local frequentado por toda a família.

Procuramos saber ainda como se estabelece a relação de respeito entre homens e mulheres na Ponte. Alguns moradores (homens e mulheres) disseram haver uma atitude respeitosa. Entretanto, para algumas moradoras há diferenças no tratamento para com mulheres casadas e mulheres solteiras. Segundo D. Ivane de Lira: “[...] o comportamento de alguns vizinhos mudou depois que me separei; fui muito discriminada e assediada pelos homens daqui”. Outra mulher, D. Dilma Pimentel, nos contou também que “os homens

mexem mais com mulheres solteiras. Quando me separei, davam em cima mesmo, mas quando eu voltei com o meu marido, pararam”.

3.4.3 – A Ponte entre a memória do passado e o futuro

A Ponte também guarda recordações, que são contadas pelos habitantes mais antigos, os quais dizem ter muita saudade do tempo em que se podia sair de casa e ficar despreocupado, ou dormir com as janelas e portas abertas, sem correr perigo de ser assaltado. Podia-se confiar nas pessoas e andar tranquilamente nas redondezas. O Sr. Sergio Nunes relembra os tempos de dificuldades: “quando as ruas não eram asfaltadas e havia muita lama era preciso levar dois sapatos, um para sair de casa e outro para calçar quando chegasse no asfalto”. Por outro lado, as senhoras Virginia Pimentel e Alice Silva afirmam sentir saudades do tempo em que seus filhos eram vivos e caminhavam por ali.

Lembranças em microareas – como a Ponte –, de acordo com Marcos Alvito, dependendo da situação podem ser tristes, alegres ou trágicas, isto é, uma memória repleta de acontecimentos. Diz ele:

Na verdade, essas microareas são o lócus de uma memória. Esta pode ser alegre, referir-se a travessuras conjuntas, à brigas entre eles, em que riem muito hoje, ao tempo em todos iam assistir televisão em uma única casa que ostentava uma. E pode ser trágica: ‘bem nesse lugar aqui meu irmão tomou um tiro’. É uma memória plena de acontecimentos: o crescimento acelerado da favela, a chegada dos novos vizinhos, as modificações cotidianas da paisagem, [...] crescem e envelhecem juntos, compartilham nascimentos e as tragédias pessoais. Essa história de vida comum se expressa na frase muito utilizada: “fomos criados juntos”. (ALVITO, 1998, p.19).

Na oportunidade apreendemos que a Ponte também conserva lembranças de um passado de conquistas ou dificuldades para seus habitantes. Momentos que são recordados com nostalgia pelos moradores mais antigos, que puderam presenciar o período em que a cidade constituía sua estrutura política e administrativa. Nesse período o fornecimento de energia elétrica, água encanada, hospitais e escolas praticamente inexistiam e o índice de criminalidade era quase zero, podendo-se sair e chegar a qualquer hora em casa.

Esses momentos são lembrados com muita intensidade. Lembranças de uma infância vivida por alguns, que chegaram à área ainda crianças, ou mesmo que nasceram e foram criadas no local. Como nos contou Camila Teles: “Antigamente esse lago enchia e secava, eu e meus colegas [que eram vizinhos] brincávamos livres no chão”.

Haja vista, entendemos que existe uma organização social interna peculiar a esta área de ponte, presente na forma como as relações sociais se desenvolvem; nas regras de convivência, na maneira que se constroem as casas, e nas reivindicações por meio de abaixoassinados. Neste local há uma organização específica, em que podemos apreender o funcionamento de um pequeno mundo dentro de outro maior, que é a cidade.

Sobre esse aspecto, Frúgoli (2005, p.20) mostra que estabelecendo articulações entre dimensão espacial e regiões morais (nas relações sociais), Park consolidou noções sobre a dimensão urbana. Para ele, “os processos de segregação estabelecem distâncias morais que fazem da cidade um mosaico de pequenos mundos que se tocam, mas não se interpenetram”. (PARK apud FRÚGOLI, 2005, p. 20).

Desse modo, a Ponte deve ser considerada como um espaço microsociai, o qual, por sua vez, está dentro do bairro Jesus de Nazaré que faz parte da cidade de Macapá. É um mundo dentro de outro, uma espécie de micromundo, pois a área da Ponte tem suas próprias características, suas formas de organização e de sociabilidades. A conexão entre espaço e relações sociais se afunila ainda mais no caso de nosso objeto de pesquisa, em que redes de sociabilidades se estabelecem de maneiras separadas entre as duas partes, correspondentes à Rua Hamilton Silva e o trecho referente à Avenida Pedro Américo.

Para alguns poucos moradores, a importância de morar na Ponte é tão significativa, que quando perguntamos a eles se sairiam da área, caso o governo efetivamente venha a desocupar o lugar, a resposta foi imediata: “Não, não sairia de jeito nenhum, porque eu gosto demais de morar aqui, é bom!”, disse-nos D. Sandra Souza.

Fizemos a pergunta por que se sabe que o espaço em que se localiza a Ponte está bem próximo ao Aeroporto Internacional de Macapá, e por isso há um projeto de remanejamento dos moradores de suas redondezas, com o objetivo de alocá-los em um conjunto habitacional, que seria construído na zona norte da cidade. Entretanto, até o momento somente uma parte do projeto foi executado, que é o cadastramento das famílias residentes na área, levantado pela Secretaria de Infraestrutura do Estado no ano de 2007. As outras etapas, como a construção do conjunto habitacional, ainda não foram realizadas.

Atitudes como a de D. Sandra, em geral, justificam-se pelas situações anteriormente relatadas. Apesar dos benefícios de se ter uma casa em terra firme, o local definido pela Empresa Brasileira de Infraestrutura Aeroportuária (INFRAERO), fica muito distante da área central e administrativa da cidade. Decerto, isso modificaria radicalmente a rotina dessas pessoas, uma vez que estão acostumadas, por exemplo, irem andando ao centro comercial, ou

de bicicleta ao trabalho. Além disso, é importante ressaltar, o que segundo D. Virginia Pimentel, é um dos “benefícios” de se morar em uma área inundada: “no lago é mais difícil para o ladrão entrar em casa, porque teria que entrar primeiro no lago”.

Desta forma, a urbanização é mais fraca nos locais afastados dos centros urbanos, como a área a qual essas famílias seriam remanejadas. De acordo com Eunice Durham (1986, p. 03), a melhoria das condições de vida nas áreas pobres se dá também por conta da chegada da urbanização, possibilitando a essa população o acesso a serviços públicos, tais como o asfalto, a iluminação das ruas, água encanada, escola, condução mais próxima e mais frequente.

Nesse sentido, por conta da difícil tarefa de conseguir a casa própria pela maioria dos brasileiros, é que projetos sociais estão sendo criados pelo Governo Federal, assim como propostas de créditos mais em conta à população. Porém, de acordo com Kowarick (1993, p.63), as camadas da população que deveriam ser beneficiadas, não conseguem pagar as prestações, resultando em habitações que ficam vazias, e acabam sendo direcionadas a outros grupos de renda mais elevada, restando à classe trabalhadora alugar um cômodo em áreas deterioradas ou em periferias afastadas.

Em consonância, Maricato (2008, p.132) diz que o acesso ao mercado privado é tão restrito e as políticas sociais são tão irrelevantes que a maioria da população, ou seja, a camada menos favorecida, com recursos financeiros restritos, sobram apenas às alternativas ilegais ou informais de moradia como a habitação em área alagada, já que é proibido por lei se construir casas em tais espaços.

Uma questão que não poderia passar em branco seria definir que é a Ponte para os moradores. Mesmo achando estranha a pergunta, a maioria reportou-se à ponte no seu aspecto físico, pois disseram ser uma passarela que dá acesso à rua ou ao asfalto. Uma resposta curiosa foi a da jovem Vanessa da C. Lobato: “pra mim a única coisa que vem a minha cabeça é pobreza, um lugar onde só têm pobres”. Esta foi a única resposta de cunho subjetivo que vai além de uma concepção da ponte como coisa física, mas expressa em um universo simbólico.

O que pudemos constatar, é que apesar da discriminação e das dificuldades que um cidadão pode passar por viver em uma área “degradada”, nos termos de Whyte, os moradores da ponte encontram vários motivos para valorizar o ambiente em que vivem e criam seus filhos, na medida em que a mesma representa um elemento fundamental na vida deles. Servindo muito mais do que uma simples passarela que sustenta pessoas e alguns meios de transporte, ou ainda, como meio de acesso de um lugar ao outro. A ponte tem o papel de

abrigar ao seu redor casas, dando oportunidades de moradia a muitas famílias, o que mantém os moradores muito próximos uns dos outros, vivendo todos no mesmo espaço.

CAPÍTULO 4 – O OLHAR DA SOCIEDADE SOBRE A PONTE

4.1 - A imagem sobre a Ponte

Neste capítulo abordaremos como espaços habitados em áreas alagadas no ambiente urbano da cidade – as chamadas ressacas – são concebidos pela sociedade local. Particularmente, apresentamos duas fontes de discursos sobre a Ponte: a) o discurso dos meios de comunicação de massa (designados popularmente como mídia) e b) o discurso da população que vive próximo à área da Ponte. Adiantamos que a imagem predominante que se faz sobre as áreas alagadas e as pontes são, em geral, negativas. Contudo, analisaremos a seguir como cada fonte produz seu discurso sobre essas áreas e quais são os fatores destacados em cada um.

4.1.1 - O discurso dos meios de comunicação

Podemos afirmar que grande parcela da população macapaense tem uma idéia preconceituosa sobre as pessoas que moram em área de ressaca e do próprio lugar. Nesse sentido, a mídia local desponta como uma forte legitimadora desse preconceito. Nas reportagens dos meios de comunicação as áreas alagadas, onde predominam moradias sobre pontes, são concebidas de forma negativa, cujos discursos ressaltam preconceitos sobre duas situações: i) por se tratar de uma área alagada seria fonte de doenças; e ii) são áreas onde supostamente predominariam o submundo da marginalidade, do tráfico de drogas e, portanto, da violência.

Ao analisar os noticiários, tanto impressos como televisivos, identificamos reportagens apregoando a disseminação de doenças, tais como dengue e febre tifóide, tendo como foco principal as áreas alagadas da cidade, particularmente as áreas habitadas sobre pontes. Essa associação entre áreas de “ressacas” e doenças é tão intensa nos meios de comunicação local que nas conversas com os moradores, evidenciamos este enfoque para saber se ali realmente havia casos de contaminações de quaisquer doenças advindas do fato de se morar sobre o lago. Segundo os moradores que entrevistamos, no ano de 2010 até março de 2011, nenhuma pessoa havia adoecido de dengue ou febre tifóide naquela área. “Esses jornalistas são uns leigos, porque não têm como o mosquito da dengue se espalhar aqui, porque os peixes comem as larvas, o lago é sujo e a água é corrente”, nos contou o Sr. Robson Nunes.

Foto 13 - Noticiário de doença, tendo como imagem base uma área de ponte habitada.



Fonte: A GAZETA, 2011.

Outra reportagem que mostra o preconceito para com essas áreas, foi extraída da página de notícias do site de um jornal local, em que a mensagem principal se reportou ao mal causado pelo lixo jogado nas áreas de ressaca. Além disso, a reportagem enfatizou a concepção negativa que a mídia possui desses locais, em que afirmam uma inexistência de organização interna em áreas de ponte. Como podemos observar no trecho seguinte:

Não existe iluminação pública, água tratada e acesso a serviços básicos. O ambiente é de total desorganização, casas fincadas no quintal de outras residências são comuns nesses locais. [...] Um dos problemas causados pelos moradores é a falta de conhecimento em relação ao lixo plástico. Praticamente todo o lixo doméstico é jogado no lago, na grande maioria garrafas de plásticos e muito saco descartável. (JORNAL O DIA, 2011).

Neste sentido, podemos afirmar que os meios de comunicações possuem poder de influência sobre a vida e a opinião das pessoas. Esta é uma questão que já foi analisada por autores como Carlos (2001, p. 250), onde observa que a mídia dita o modo como os indivíduos devem viver em seu cotidiano, se comportar em determinadas situações, administrar o tempo, educar os filhos, e, sobretudo como habitar no ambiente urbano.

Um exemplo da perspectiva negativa criada pela imprensa, sobre comunidades pobres, é relatado por Alba Zaluar (1985) sobre a forma como a imprensa aborda a violência em

favelas do Rio de Janeiro. Ela chama atenção para o caráter sensacionalista e negativo dos noticiários policiais, que apenas evidenciavam a crescente criminalidade e atuação de quadrilhas de traficantes de tóxicos nas favelas cariocas, especialmente na favela Cidade de Deus, que foi objeto de sua pesquisa.

Desta forma, uma questão legitimada pela sociedade é o preconceito com essas áreas, já que são vistas como “baixadas”, onde supostamente a criminalidade e o tráfico de drogas teriam predominância e, principalmente como um local em que brigas entre gangues são frequentes. Esse tipo de preconceito foi relatado pelos moradores da Ponte, como as “brincadeiras” dirigidas a eles, feitas, sobretudo por colegas de trabalho e da escola. Sobre isso, D. Célia dos Santos nos contou: “no meu trabalho, um dia perguntaram onde eu morava, eu disse: ‘numa ponte do Jesus de Nazaré’. E começaram a falar que eu era de baixada, só bandido e que nunca viriam aqui, foi de brincadeira, mas às vezes tem verdade”.

Desse modo, o fato de se residir em uma área de ponte, já desperta nos indivíduos certa aversão. O preconceito é manifestado em comentários jocosos ou sátiras que qualificam tais áreas como locais, por excelência, de violência. Atitudes que evidenciam a ideologia discriminatória e excludente que estrutura o imaginário dominante na sociedade sobre as áreas habitadas pelas populações mais pobres.

4.1.2 - A visão dos moradores do entorno da Ponte

Perguntamos aos moram no entorno da Ponte o que eles pensam sobre as pessoas que moram ali, do ambiente, da idéia de se viver em uma área alagada. Diversas foram as respostas. O Sr. Pedro Ramos nos disse:

Antes era tranquilo, mas depois que chegou muita gente de outros bairros e outros estados, ficou mais violento [...]. Não é um lugar muito apropriado para moradia, mas devido à necessidade, o jeito é fazer a casa no lago. Aqui já foi lago também. [...] Não incomoda [a imagem do lago], mas seria melhor que todas as casas fossem aterradas. Falta o governo dar mais atenção para essas pessoas. (Seu Pedro é comerciante há 15 anos na área).

D. Uane Cardoso fala da discriminação para com a Ponte:

Na verdade, a maioria das pessoas já discrimina esses lugares [...]. A imagem [da ponte] é ruim e também tem muito barulho, por causa do som que é alto. Sobre o ambiente não posso dizer muita coisa porque não ando por lá, não é caminho, sempre vou pela rua de cima. Mas, era tranquilo de um ano pra cá que mudou, ficou

mais violento. A ponte tem mais de trinta anos e esse foi o primeiro caso [o assassinato de uma moradora da ponte]. (D. Uane mora há mais de 30 anos na área).

Já o jovem Edgar Barbosa nos conta de sua amizade com moradores da Ponte:

Tenho amigos que moram lá, de vez em quando vou na casa deles [...]. Acho um lugar normal sem violência, as pessoas são de bem, trabalhadoras. Mas, quando chove enche lá e a água vem para cá e o lixo daqui vai para lá. O que é chato é a falta de privacidade, porque as casas são muito próximas umas das outras. (Edgar tem 18 anos, nasceu na área e sua família mora há mais de 40 anos).

As várias opiniões, às vezes positivas, às vezes negativas, revelam a forma como se dão as relações sociais entre a Ponte e seu entorno. Para alguns deles não há nenhum problema com o espaço e com as pessoas que ali habitam, chegando a frequentar o local normalmente. Alguns já moraram nesta mesma Ponte antes de aterrarem as ruas. Porém, a maioria considera o local impróprio para viver e designa-o como lugar de “bandidagem”, onde há muitas brigas de gangues e circulação de drogas.

Para grande parte dos moradores ao redor da Ponte, a violência na área aumentou depois da chegada de migrantes na mesma. Isto significa que, para eles, a o aumento da violência está diretamente relacionado à migração. O sentimento de medo e ameaça invade o ambiente dos moradores, que se adiciona ao temor pelo aumento do desemprego, da criminalidade e da violência urbana. De acordo com Pinto (2003, p.80), em geral, os migrantes são “pobres, que residem em palafitas e que estão desempregados, que geralmente são culpabilizados pela decadência ou pela deteriorização da tranquilidade na cidade de Macapá”. Não queremos concordar ou discordar de tal discurso, nossa intenção é mostrar como se processa as relações sociais na área de estudo.

Haja vista, é necessário frisar, que na Ponte em que realizamos nossa pesquisa, mesmo que a violência, assaltos e até a cobrança de pedágios, como ocorrem em alguns bairros da cidade, não sejam frequentes, ela não está livre de alguns incidentes que envolvem brigas. Assim, destacamos um assunto muito salientado pelos moradores e que pelo tom das conversas que tivemos, os chocaram demasiadamente. A troca de tiros entre duas gangues rivais, o que acarretou na morte de uma moradora idosa dentro de sua própria casa. D. Virginia Pimentel nos falou: “foi um pessoal de uma gangue da outra ponte, que tava procurando o sobrinho da vizinha. Ele tinha se mudado há pouco tempo, e uma bala perdida acertou no peito da senhora que morava ali, passou até na televisão [...]”.

Depois do ocorrido, a comunidade “deu pressão”, denunciando o vizinho envolvido à polícia e “dando xaveco na vizinha”, de tal maneira que ela (a vizinha) vendeu sua casa e foi embora do local. Além disso, os moradores denunciam também os pontos de vendas de drogas. Pelo que percebemos nos relatos, há uma força de coesão na Ponte, pois quem vai de encontro à harmonia local é pressionado a sair dali. O que aconteceu no exemplo supracitado. Os moradores atribuem acontecimentos como esses a pessoas que vêm de “fora”, ou seja, de outros bairros ou até mesmo de outras cidades, no caso os migrantes.

4.2 - Jogo de identidades: morar na ponte x morar no “asfalto”

Morar na Ponte representa um forte elemento de identidade para quem nela habita, na medida em que, os moradores possuem uma rotina e costumes diferenciados daqueles que residem no firme – o asfalto. Habitar em áreas de ressaca exige uma adaptação na maneira de viver, pois no lugar do quintal para estender roupas, conversar com os amigos e brincar com as crianças, há água contaminada. Ao invés de ruas, em que passam os carros e a condução, há pontes para o trânsito somente de pedestres, bicicletas e motos. Ou seja, existem diferenças no cotidiano, dependendo do lugar em que se vive, caracterizando assim, o modo de vida desses indivíduos como únicos de seu espaço.

Do mesmo modo, o cotidiano no asfalto é repleto de singularidades para quem lá mora. A luta por melhorias é diferente: por asfalto de qualidade, semáforo na esquina, faixa de pedestre na frente da escola e assim por diante. O habitar é diferente e específico. O indivíduo se tiver um automóvel, por exemplo, pode sair de casa e chegar à rua, sem precisar se retirar do carro, o que para um morador de ponte, mesmo que possua um veículo, tal fato não acontece. Assim, o que pode parecer uma simples situação de pessoas morando em uma *urbe*, dentro de um mesmo bairro – algumas em áreas alagadas, outras em terra firme –, representa na verdade, a disposição de peculiaridades próprias referentes a cada espaço de moradia, que por sua vez estão distribuídos pela cidade.

Alguns indivíduos formam suas identidades no contexto de um grupo social, em que as características próprias identificam determinado grupo, seja este de moradores de ponte ou de sujeitos residentes no “asfalto”. Dessa forma, assim como o bairro é um referencial de vida para os cidadãos estudados por Carlos (2001, p. 244) em alguns bairros do Rio de Janeiro, a Ponte também é um elemento fundamental na vida de seus habitantes, na medida em que estes

construíram (e constroem) no decorrer do tempo, uma identidade com aquela parcela do espaço, o que vai produzindo elementos constituidores da memória.

Entretanto, esta identidade não é fixa, nem é para sempre, pois não está isenta de mudanças. Silva observa (2007, p. 193), que “é preciso pensar a identidade não como algo constitutivo de um grupo social, mas como um conjunto de valores e papéis elaborados e em constante processo de atualização”. Portanto, se um morador da Ponte conseguisse adquirir uma casa no “asfalto” perderia sua identidade de morador de ponte, por meio da rotina diferenciada que levaria dentro de outro grupo social.

Em relação ao fato de ser membro de um grupo – mesmo sem saber – Fonseca (2000, p. 220-221) mostra os descendentes de grupos indígenas que, de repente, descobrem que podem sair da miséria reivindicando uma identidade indígena. Bem como, os negros que podem ser proprietários das terras que trabalham há anos, se declararem ser descendentes de escravos fugitivos. Neste contexto, a autora explica ainda que a identidade vai muito além da herança cultural, pois se atualiza através de relações de força que visam à negociação das fronteiras do grupo político. Para ela, as identidades nada têm de especial, uma vez que são constantemente reinventadas para se adaptarem às circunstâncias e dinâmicas da vida social.

4.3 - A ponte, o asfalto e o campo social da diferença

Ponte e asfalto são duas categorias empíricas que se apresentam para a análise sociológica, não apenas como espaços dicotômicos, mas como elementos de diferenciação de classe e, por conseguinte, como fontes de investimentos práticos e simbólicos de cidadania. Morar na ponte, em uma área alagada, e morar no asfalto, em moradias de elevado valor econômico, ainda que próximos fisicamente, no campo das relações sociais apresentam-se diametralmente desiguais.

Na área de estudo, percebe-se um contraste entre as casas mais humildes e os casarões, onde é visível a luta pelo espaço. Desse modo, Haesbaert (2002, p.96), observa que o espaço é fonte e condição indispensável para a constituição de determinados grupos, sendo natural, portanto que haja nesse espaço constantes disputas, avanços e recuos que constituirão os termos necessários em que serão reproduzidas as dinâmicas sociais do ambiente.

O Jesus de Nazaré é um bairro da cidade de Macapá em que coexistem duas situações de habitação: de um lado, domicílios amplos em alvenaria, bem estruturados, às vezes com dois andares, murados e com portões eletrônicos, em vidro ou alumínio, habitados por pessoas

de classe média, nos quais os altos muros se sobressaem. De outro lado, têm-se casas humildes nas partes alagadas do bairro, onde mora a população menos favorecida, em casas feitas de madeira, por vezes algumas reaproveitadas de outras construções, com aspecto simples.

Foto 14 – Casas da Ponte.



Fonte: BIANCA NUNES, 2011.

O resultado é um forte contraste social; ricos e pobres coabitando um mesmo espaço, separados apenas por muros, duas ou três ruas. Os vizinhos com maior poder aquisitivo têm mais chances de modificar estruturalmente o ambiente, e os demais, por terem recursos limitados, não conseguem efetuar grandes mudanças. Para as classes mais abastadas economicamente (seja a classe alta ou a classe média) a casa é um cartão de visita, em que todo investimento feito na mesma é para demonstrar a posição de *status* que ocupa no meio social. Encontramos no bairro, imóveis à venda, no valor de R\$ 120.000,00 (cento e vinte mil reais) e outro que custava quase meio milhão de reais, no montante de R\$ 450.000, 00 (quatrocentos e cinquenta mil reais). Já para aqueles com menor poder aquisitivo, a casa se resume somente ao seu lar, construído com muito esforço e dificuldade. Por isso é bastante valorizada a questão da casa própria para essas pessoas, mesmo que seja um humilde domicílio na periferia ou em áreas de ponte.

Foto 15 - Casas do asfalto.



Fonte: GILMARA NUNES, 2011.

Percebemos nas entrevistas à população que mora no entorno à Ponte, que parece impossível visualizar alguma grandeza no morar em uma área de ponte. Grandeza que só é vista e sentida por aqueles que a habitam. A discriminação da sociedade em relação à moradia em áreas de ponte, talvez por não conhecer o espaço e assim tirar conclusões negativas e estereotipadas, na maioria das vezes, é sugerida pelos próprios meios de comunicação locais.

Apesar de na área de estudo, haver casas pobres ao lado de residências de classes mais elevadas, o convívio entre ambos não existe e os estilos de vida não se misturam. Questão enfatizada por Fonseca (2000, p.214), visto que a desigualdade social no Brasil se compara ao *apartheid* da África do Sul, em que ricos e pobres não se misturam. Conversando somente no momento de passar a tarefa à empregada doméstica ou durante um assalto. Além das barreiras de três metros de altura nas residências de maior valor econômico – às vezes de luxo – que separam os dois mundos.

Kowarick (1999, p.82) em seus estudos sobre as favelas de São Paulo já mostrava o que a desigualdade social causava dentro de um mesmo espaço: “a própria presença de casas ‘faveladas’ impedem a valorização dos imóveis próximos”. Nesse contexto, podemos associar as “casas faveladas” de São Paulo às residências humildes da Ponte, na qual vemos na paisagem a materialização da desigualdade social.

Assim, percebemos que na área de estudo há a presença de diferentes alteridades, uma vez que temos vários “eu” e “outro”, na qual podemos identificar diversas combinações, dentro e fora da Ponte. Como por exemplo: a Ponte e o asfalto, o vizinho classe alta ou média da quadra adiante e o morador da Ponte classe baixa, o morador que vive na Ponte por opção e o que mora por necessidade, a Ponte e a sociedade, a Ponte e a mídia, e assim por diante.

Desse modo, o discurso sobre alteridade na sociedade moderna se torna cada vez mais difícil, pois não é interessante falar, ou conhecer o outro. Um “outro” que é totalmente diferente do “eu”, mesmo que todos habitem o mesmo espaço. O que predomina no espaço da cidade são as diferentes redes sociais que não se misturam. As classes sociais estão muito bem divididas e expostas, cada um sabe o lugar que ocupa no meio social, porém o que passa despercebido, é que os “outros” não são tão “outros” assim. Essa relação de alteridade funda-se no que é diferente do “eu”, de modo etnocêntrico, em que, muitas vezes, alguns sujeitos sociais buscam possuir o controle sobre outros.

4.4 – A sociabilidade entre a Ponte e seu entorno e o exercício da cidadania

Mesmo diante de alguns eventuais conflitos, que afastam mais ainda a convivência entre os vizinhos da Ponte e do entorno, é importante ressaltar que alguns desses vizinhos cultivam uma relação de amizade. Mais especificamente, entre aqueles que moram na Avenida Pedro Américo, da Ponte ao final do quarteirão. Prova disso foi o que D. Benedita Nunes nos contou: “a gente faz festas do dia das crianças, dia dos pais e das mães, e também festa junina. A gente convida o pessoal da Ponte, as crianças principalmente sempre participam”.

Foto 16 - Confraternização dos moradores na festa junina organizada pela comunidade.



Fonte: FATIMA CARDOSO, 2011 (Foto cedida por uma moradora).

Com efeito, mesmo que em algumas ruas ao redor da Ponte não haja convivência com os moradores da mesma, durante a pesquisa de campo percebemos que no quarteirão da Avenida Pedro Américo existe um laço mais forte de vizinhança. Algumas casas do quarteirão asfaltado, já fizeram parte da área que hoje é estruturada por pontes. Talvez seja por isso que alguns indivíduos da rua ainda mantêm contato com moradores da Ponte.

A vizinhança, inclusive, é categoria de análise tratada pela antropóloga Alba Zaluar (1985, p.174), como sendo o foco de organizações políticas e culturais das classes populares, especialmente aquelas voltadas para o lazer. Para a autora é através da união da vizinhança em associações, agremiações, escolas de samba, entre outros, que a classe popular aprende a fazer política com alguma autonomia, longe do jogo político em que é excluído. No caso da área de nossa pesquisa, a relação de vizinhança entre os moradores da Avenida Pedro Américo e os da Ponte, o que observamos é a relação voltada para o lazer, como a festa junina. Já em relação à associação, muitos moradores afirmaram desconhecer sua existência.

Mesmo que a Ponte seja estigmatizada pelo meio social como espaço indigno de se viver, considerando-a um lugar desorganizado, de brigas, com pontos de venda de drogas, é necessário repensá-la sem as lentes do preconceito. Os indivíduos que lá vivem precisam ser

vistos como iguais na sociedade, pois a cidadania lhes pertence, sendo a igualdade básica um dos principais direitos dos cidadãos.

Com isso possibilitando, segundo Darcísio Corrêa (2000, p.225), “a garantia de todos ao espaço público e condições de sobrevivência digna, tendo como valor-fonte a plenitude da vida.” Dessa forma, os moradores dali são trabalhadores e trabalhadoras, que sem ter disponibilidade financeira, muitos por serem migrantes de lugares onde as condições de sobrevivência eram difíceis, encontraram na Ponte um refúgio para viver, e buscar criar os filhos com dignidade.

Enfim, não se pode generalizar o discurso negativo a todos que habitam a Ponte, pois a cidadania também pode ser entendida como um ideal de emancipação do homem na sociedade civil, esta que por sua vez é plural, composta de indivíduos com aspirações, desejos, de reivindicações diferentes (REIS, 1999, p. 17). Portanto, a cidadania nesse contexto é variável, dependendo do grupo social que a exerce, com objetivos únicos e específicos. Por exemplo, quando os moradores da Ponte se reúnem em prol de um bem comum, seja através de um abaixoassinado ou quando se utilizam dos meios de comunicação para externalizar sua revolta diante da falta de estrutura básica para a habitabilidade, estão agindo politicamente voltados para um ideal particular da Ponte.

Se a cidadania é um campo de possibilidades para efetivação de direitos sociais, os moradores da Ponte devem ser vistos como cidadãos que fazem jus a uma vida social digna, com equidade, assim como os outros habitantes da cidade.

Ao nascerem, os indivíduos já recebem a garantia do direito à cidadania por meio do Estado. Entretanto, o que se observa na sociedade é a falta de efetivação na obtenção dos direitos. Por essa razão, a população de classe baixa, para sobreviver tem que encontrar soluções imediatas, no caso se fixando em periferias distantes, habitando em favelas, ou ainda instalando-se em áreas alagadas – como é o caso de Macapá –, por conta do descaso do poder público em não implementar políticas públicas eficientes para que essa situação não se perpetue.

Para tanto, a cidadania enquanto aquisição e garantia de direitos, com relação à habitação não se concretiza, restando esses lugares, como a única opção de sobrevivência, como nos diz Kowarick (1993, p. 89), já anteriormente trabalhado no capítulo dois, o significado de morar na ponte. Portanto, a referida área é rejeitada pelos de fora, valorizada pelos que a habitam, mas que existem problemas de interação, convívio e de tensão social, no

entanto, é um lugar onde pessoas buscam viver com dignidade e orgulho do que conquistaram independente de ser em uma ponte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer da pesquisa percebemos um lado pouco visualizado nas pesquisas acadêmicas sobre áreas de ressaca, já que normalmente estas se voltam para a questão ambiental. Já a premissa da nossa pesquisa foi de encontro, tendo como foco, como se desenvolve a sociabilidade, a organização social interna e os significados que aquele espaço representa na vida de seus habitantes.

E para conseguirmos compreender esta faceta, foi necessário adentrarmos no desconhecido mundo da Ponte, que é ignorado ou objeto de julgamentos negativos, às vezes sem respaldo ou conhecimento de causa. Enfim, a proximidade física e a familiaridade não são sinônimos de conhecimento, assim como viver perto de uma área de ponte não nos torna conhecedores dos modos de sobrevivência, organização ou artimanhas desenvolvidas por seus moradores para driblar os empecilhos do cotidiano.

No decorrer do trabalho, apreendemos a existência de uma organização social interna, uma lógica no morar em uma área de ressaca, essa organização se reflete tanto na altura em que as casas são construídas, na delimitação do espaço e nas regras de convivência. Ao contrário do discurso oficial, em que nesses locais predomina a desorganização, a total falta de planejamento, *locus* de marginalidade, foco de doenças ou contaminações, tal discurso é disseminado no meio social e reforçado pela mídia.

Os moradores, que em suas múltiplas redes, formas de sociabilidade, estilos de vida, constituem o elemento que em definitivo dá vida à Ponte, lhe atribuindo valores, afetivos, econômicos, morais, etc. Foi necessária uma análise ampla e continua da maneira em que vivem, se relacionam, já que morar em uma área de ponte tem seus empecilhos, mas também suas vantagens, ambos destacados pelos moradores.

Assim, por falta de uma política habitacional e por conta do processo de exclusão social, uma das poucas alternativas que restam aos estratos mais vulneráveis da população é construir suas moradias sobre palafitas. Embora essa forma de moradia seja ilegal, pelo fato das áreas de ressaca serem protegidas por lei.

Assim como em todo o país, o problema habitacional em Macapá, está longe de terminar. Sem muitas opções, a classe pobre, uma vez que não há a presença de políticas públicas efetivas voltadas para essa questão, se “vira” como pode. A população estudada encontrou na área de ressaca do bairro Jesus de Nazaré, um refúgio. Sem ter condições financeiras de comprar uma casa na parte firme do bairro, escolheram tal local para morar.

Através da pesquisa constatamos a importância do significado de morar na Ponte para a maioria das famílias entrevistadas. A valorização do que é seu e o orgulho do que conquistaram, claro salvo exceções. Construindo assim, dia após dia, uma identidade que os particularizam dentro da sociedade plural.

Sabe-se que o preconceito é imponente para com os moradores de ponte, porém identificamos que cada cidadão dispõe de seu próprio conceito de moradia digna, e para as famílias da Ponte, o que importa é poder contar no final do dia com um lar harmonioso, para se refugiar na volta da batalha cotidiana.

Esse trabalho nos possibilitou conhecer um campo das Ciências Sociais, pouco privilegiado em nossa academia, bem como forneceu um suporte teórico fundamental para nossa formação acadêmica, enquanto pessoas melhores capazes de enxergar o “outro” despido das lentes dos estereótipos ou preconceitos. Contribuindo para estimular o debate acerca de uma temática tão instigante, além de colaborar com a sociedade quando nos empenhamos em erigir conhecimentos, de maneira que esperamos que outras pessoas se incentivem e se dediquem a esta questão.

Portanto, procurar compreender o “outro”, captar a lógica que dá sentido as suas escolhas existenciais, e principalmente, penetrar em uma visão de mundo particular, é uma tarefa de vital importância para quem quer trilhar os caminhos da antropologia e foi o que tentamos e o que pretendemos.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Josiane S.; SILVA, Lucila M. S. **Mapa de localização das áreas urbanas das ressacas do município de Macapá**. 2004. 1 mapa, color. Disponível em: <<http://www.iepa.ap.gov.br/temp1/IEPA/CPAq/RESSACAS/RELATORIOS/10finalANTROPICO.pdf>> Acesso em: 24 out. 2011.

AGUIAR, J. S.; SILVA, Lucila M. S. Caracterização e Avaliação das Condições de Vida das Populações Residentes nas Ressacas Urbanas dos Municípios de Macapá e Santana. In: TAYAMA, Luis Roberto; SILVA, Amaral. (orgs.). **Diagnóstico das Ressacas do Estado do Amapá: Bacias do Igarapé da Fortaleza e Rio Curiaú**. Macapá: GEA/ SETEC/ IEPA, 2004. p. 183 – 242.

Alerta geral: Macapá sob risco de epidemia de febre tifóide. **A Gazeta**, Macapá, ano X, n. 2413, 04 mar.2011. Caderno 2, p. 1-2.

ALVITO, Marcos. Um bicho-de-sete-cabeças. In: ALVITO, Marcos e ZALUAR, Alba (orgs.). **Um século de favela**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 181-205.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Espaço-tempo na metrópole: a fragmentação da vida cotidiana**. São Paulo: Contexto, 2001.

CASTELLS, Manuel. **A questão urbana**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

CORRÊA, Darcísio. **A Construção da cidadania: reflexões histórico-políticas**. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2000.

COULAN, Alain. **A escola de Chicago**. Campinas: Papyrus, 1995.

DOMINGUES, José Mauricio. A cidade: racionalização e liberdade em Max Weber. In: SOUZA, Jessé (org.). **A atualidade em Max Weber**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000. p. 209- 230.

DURHAM, Eunice Ribeiro. A pesquisa antropológica com populações urbanas: problemas e perspectivas. In: CARDOSO, Ruth C. L. **A aventura antropológica: teoria e pesquisa**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1986. p. 17-34.

_____. A sociedade vista da periferia. *Revista brasileira ciências sociais*. São Paulo, vol. 1, n 1, 1996.

FIGUEIRA, Franck. Sem projetos do GEA e PMM, lixo é a imagem das áreas de ressaca. **Jornal do Dia**, Macapá, 24 out. 2011.. Disponível em:<http://www.jdia.com.br/pagina.php?pg=exibir_not&idnoticia=37305 > Acesso em: 24 out.2011.

FONSECA, Claudia. **Família, fofoca e honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares**. Porto Alegre: Ed. Universidade-UFRGS, 2000.

FRUGOLI JR., Heitor. O urbano em questão na antropologia: interfaces com a sociologia. **Revista de Antropologia** [online]. São Paulo, vol.48, n.1, 2005, Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0034-77012005000100004>>. Acesso em: 11 out. 2011.

_____. **Sociabilidade urbana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. LTC: Rio de Janeiro, 1989.

GOOGLE Earth. **Satelite.jpg**. 2010. Largura: 15,49 pixels. Altura: 10,53 pixels. Formato JPEG. Disponível em: <http://www.google.com/earth/index.html>>. Acesso em: 13 out. 2011.

HAESBAERT, R. **Territórios alternativos**. Niterói: EduFF; São Paulo: Contexto, 2002.

HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2006.

KOWARICK, Lucio. **A espoliação urbana**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1993.

LEFEBVRE, Henry. **O direito à cidade**. Centauro editora, São Paulo : 2001.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade**. São Paulo: UNESP, 1998.

_____. No meio da trama: A antropologia urbana e os desafios da cidade contemporânea. **Sociologia**. [online], n. 60, mai. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0873-65292009000200005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 15 out. 2011.

_____. Transformação cultura urbana das grandes metrópoles. In: MOREIRA, Alberto da Silva (org.). **Sociedade Global: cultura e religião**. São Paulo: Universidade São Francisco, 1998. p. 56-76.

MARICATO, Ermínia. **Brasil, cidades: alternativas para a crise urbana**. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Naif, 2003.

OLIVEN, George Ruben. Por uma antropologia em cidades brasileiras. In: VELHO, Gilberto (org.). **O desafio da cidade: novas perspectivas da antropologia brasileira**. Rio de Janeiro: Campus, 1980.p. 23-36.

PINTO, Manoel. **Os estabelecidos e os recém-chegados: migração, conflitos e sonhos na cidade de Macapá**. 2003. 116 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2003.

ROCHA, Délcio. Ecossistema costeiro de Macapá/AP sofre processo de “favelização”. **Portal Núcleo Mata Atlântica**, Macapá, 10 set. 2010. Disponível em: <mpnuma.ba.gov.br/index.php>. Acesso em: 24 out. 2011.

REIS, Elisa. Cidadania: história, teoria, e utopia. In: PANDOLFI, Dulce *et al.* (orgs.). **Cidadania, justiça e violência**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999. p. 13-17.

SANTOS, Milton. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: Edusp, 2005.

SILVA, José Maria. **O espetáculo do Boi-Bumbá**: folclore, turismo e as múltiplas alteridades em Parintins. Goiânia: Ed. Da UCG, 2007.

VELHO, Gilberto. Antropologia Urbana: Encontro de tradições e novas perspectivas. **Sociologia**. [online] n.59, jan. 2009. p.11-18. Disponível em: <http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0873-65292009000100002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 08 set. 2011.

_____. O antropólogo pesquisando em sua cidade: sobre conhecimento e heresia. In: VELHO, Gilberto (org.). **O desafio da cidade**: novas perspectivas da antropologia brasileira. Rio de Janeiro: Campus, 1980. p. 13- 20.

_____. **Projeto e metamorfose**: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

WEBER, Max. Os tipos de dominação. In: **Economia e sociedade**. Vol. 1. Brasília: Ed. UnB, 1991, p. 139-198.

WHYTE, William Foote. **Sociedade de esquina**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

WIRTH, Louis. O urbanismo como modo de vida. In: VELHO, Otávio G. (org.) **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976, p. 90-113.

ZALUAR, Alba. **A máquina e a revolta**: as organizações populares e o significado da pobreza. São Paulo: Brasiliense, 1985.